

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE AGOSTO DE 1902

N.º 85



Sempre a mesma faina...

Em Pelotas

(Brasil)



Aposto que não me agarras...

# POLITICA INTERNACIONAL

Só nem sempre a lógica tem sido a suprema reguladora da política dos estados, é certo que, nunca como agora, com a viagem do rei da Itália ao tsar, foram suas leis mais propostivamente prostradas. Acaba de se renovar o tratado da Tríplice Aliança, que mantém a Itália no grupo, cujo adversário confessado é a Dupla Aliança, de que faz parte na qualidade de membro preponderante a Rússia. Por mais repetidas que appareçam as declarações aos instrumentos diplomáticos, que servem de bandeira a cada um dos campos, não admite dúvida de que elas são irredutíveis, muito embora se procure de uma parte e outra amaciar o inevitável antagonismo entre relações cortesas, já que não podem ser intimas ou mesmo sequer cordeiras. Definidas assim as respectivas situações, parecia que a primeira viagem do novo rei da Itália ao extrangeiro devia ser a um dos países aliados, ficando reservadas para mais tarde as visitas às outras cortes, — de puro cumprimento e em satisfação às praxes do protocolo.

Pois não sucedeu assim. A primeira visita foi para a Rússia, devido só d'áqui a algum tempo realizar-se a visita a Berlim. Enquanto a visita a Viena estendeu-se indefinidamente, até que o imperador Francisco José pague em Roma a que o falecido Victor Manoel lhe fez, e que nunca foi retratada. Com a Áustria-Hungria, porém, ainda a situação é mais singular. Não só o monarca italiano a não inclui no seu programa de cortezias internacionais, senão que cuidadosamente compôz um itinerário de propósito organizado para evitar quer à ida quer à volta passar por Viena. Pelo seu lado o império apostólico correspondeu à amabilidade do real aliado mandando ausentarse de S. Petersburgo em uso de licença o embaixador austro-húngaro durante o tempo da estada de Victor Manoel em S. Petersburgo.

E no entretanto a Itália e a Áustria, que assim *coram populi* dão mostras de sympathia que sentem uma pela outra, continuam unidas por um recente pacto de aliança!... Chegam a ser comicos estes *distingos* da diplomacia, que hoje como sempre parece apostada a desafiar as mais elementares regras do bom senso.

Mas que quer dizer esta singular contradição entre os estados da Tríplice-Aliança e os da Dupla? Que nova combinação se está girando nas chancelarias das grandes potências, de que são symptomáticas estas enigmáticas anomalias? Que alguma cousa se passa, é lóra de toda a dúvida. O que será, porém?

Se a Tríplice Aliança não tivesse sido renovada há apenas alguns dias, dirímos sem hesitar que o pacto que por tanto tempo uniu as três nações se havia dissolvido, buscando cada uma d'elas, recuperada a respectiva liberdade, novas amizades políticas. Mas a Tríplice subsiste. O que significa então o que se está passando? O menos que significa é que, apesar da sua recente confirmação, a aliança entre Roma, Viena e Berlim, se encontra bastante doente ou, se quiserem, bastante debilitada. Os accordos a *lateral* são os responsáveis d'este estado de coisas, cujo desfecho não é difícil de prever quando a actual prorrogação chegar ao seu termo. Primeiramente, em vista de Bismarck e achando-se elle ainda no poder, foi à Alemanha que fez um acordo particular com a Rússia, cuja existência a própria Áustria ignorava. Todos estarão lembrados do escândalo diplomático, que produziu semelhante revelação. Bismarck, porém, já então fóra do ministerio, correu em defesa da sua obra, sustentando que a Tríplice Aliança não era incompatível com a realização de combinações particulares de qualquer dos aliados com outras potências, contanto que essas combinações não fossem contrárias à letra do tratado da Tríplice. Aproveitando-se desta interpretação, que a Alemanha invocava para desculpar a publicidade com que o seu chanceler tinha procedido, a Itália ultimou o tão discutido acordo com a França para a regularização da questão mediterrânea e eventual ocupação de Tripoli. Seguiu-se-lhe a Áustria, que se aproximou da Rússia, e com ella combinou um *modus vivendi* qualquer a respeito da península balcânica. E por último é novamente a Itália, que não contente com o acordo franco-italo, tenta querer dar-lhe por *pendant* um acordo italo-russo. O que sairá de tudo isto? Ao que parece a dissolução da Tríplice Aliança. Evidentemente não podem por muito tempo co-existir este pacto e os accordos particulares, a que acabamos de nos referir. Ao primeiro choque de interesses está liquidada a Tríplice, por mais que a Alemanha se esforce em ampará-la.

O que n'este mesmo momento se está passando entre a Áustria-Hungria e a Itália é sobremodo eloquente. Provavelmente será este lado, que primeiramente a crise se manifestará. Alguns meses mais, e a situação há-de por força esclarecer-se.

Dá-se com as nações o mesmo que com as mulheres — felizes as que não temem história. Esta n'este caso a Suécia. Trabalhadora, modesta nas suas aspirações e contente com a sua sorte, é raro quando no domínio da política dá que fallar de si. Depois que a eterna contenda com a Noruega saiu do estado agudo e pelo menos aparentemente serenou, tornou a Escandinávia a desaparecer dos boletins da política internacional, onde de resto a celebridade se paga por benfeitoria.

E no entretanto duas graves questões estão hoje na ordem do dia na Suécia. Uma d'elas é a da defesa nacional, que repentinamente adquiriu importância capital, depois das últimas tentativas de absorção da Finlândia pela Rússia. A outra é a do sufragio universal, reclamado de uma maneira energica, embora pacífica, não só por toda a classe trabalhadora, mas também pelo partido liberal inteiro. Foi esta última questão que fez cair o ministerio Otter. Conforme é sa-

bido o projecto de reforma eleitoral elaborado pelo governo não obteve a aprovação do *Riksdag*, o qual para melhor accentuar ainda o significado da rejeição, recomendou ao ministerio a apresentação de um novo projeto de feição mais liberal. Desde este momento o chefe do gabinete considerou-se em crise, entregando ao rei a demissão colectiva do ministerio. Foi imediatamente chamado a organizar a nova situação o sr. Böström, que passa por ser o político mais habil da Suécia e o homem público que ali gosa de maior prestígio. O novo presidente do conselho constituiu um ministerio acidentadamente reformador, de que fazem parte, além dos ministros dos negócios estrangeiros (Lagerheim), marinha (Pålander), guerra (Cruzebjörn), e fomento (Odelberg), que pertenciam ao governo demissionário, os novos ministros Ossian Berger para a justiça, Ernest Meyer para as finanças, H. G. Westring para o interior, Karl von Friesen para os cultos. O sr. Böström fica presidente sem pasta.

A constituição do novo ministerio foi em geral bem recebida pela opinião pública, que espera do actual governo a solução das graves questões, que presentemente preocupam o país e entre as quais sobressaem a da defesa nacional e a do alargamento do sufragio. Qualquer d'estas questões é bastante delicada para necessitar de braço forte a dirigir a governação do estado. O sr. Böström, porém, a par de incontestável habilidade, tem a firmeza necessária para se desempenhar da que a nação d'elle reclama.

Afinal, após tantos desmentidos, sempre se realizou o que ha bastantes mezes a imprensa tinha começado a propor. Lord Salisbury demitiu-se voluntariamente do alto cargo de primeiro ministro, entregando a presidência do governo e a chefatura do partido unionista ao sr. Balfour, seu sobrinho e seu colega no ministerio, e porventura o mais leal colaborador que em toda a sua longa carreira política elle encontrou. Como se vê a renúncia do poder, em condições que pareciam devê-lo tornar mais appetecível, é agora de moda. Ainda não ha muitas semanas em França o sr. Waldeck-Rousseau depois de uma assinalada vitória eleitoral demitiu-se do cargo de presidente do conselho. Agora é lord Salisbury que depois da vitória da sua política na África austral, abandona a invejável situação de primeiro ministro do império inglês. A filosofia do desinteresse vai invadindo ao que parece, as altas esferas da governação nos países de vida política mais intensa. Como esta dupla renúncia ao supremo mandado nãoobre pela isenção que revela, contrasta com o triste espectáculo que ha alguns annos Bismarck deu perante o mundo, esforçando-se por conservar o poder de que teve de ser violentamente despossuído, e depois não se consolando até ao seu ultimo dia da *ingratitud* o que tanto concorreu para lhe abreviar a existência!

Entre a renúncia, porém, de Waldeck-Rousseau e a do marquez de Salisbury, ha uma sensível diferença. O primeiro saiu do ministerio para subir mais alto. Pele menos tudo indica que será elle o sucessor do sr. Loubet; e até já o imperador da Alemanha lhe deu na sua recente viagem à Noruega como que uma investidura anticipada. O segundo, pelo contrario, abandona de vez a vida pública para consagrarse ao resto dos seus dias aos estudos predilectos da mocidade.

Ao palco da política internacional, onde era figura de primeira grandeza, não voltará mais, podemos estar d'isso seguros, porque a sua retirada não é, como tantas outras, saida falsa, mas o resultado de uma deliberação longamente meditada. Por isso mesmo o acto de lord Salisbury adquire excepcional relevo de grandeza moral, que mais ainda exalta a sua personalidade.

A escolha do novo primeiro ministro agrado em geral, sobretudo no continente onde em alguns estados, como a Alemanha, se receava o advento do sr. Chamberlain. No entanto, por distintos que sejam os dotes do sr. Balfour, é certo que elle não tem a estatura política de seu tio, que pode dizer se fecha o ciclo dos grandes estadistas de que a Inglaterra se utanava. O sr. Balfour é um espírito ponderado. Revelou-se politico habil na direcção da camara dos Comuns, de que ha sete annos é o *leader*. Não deixa de ter coragem e firmesa, como bem o mostrou quando ha annos foi ministro da Irlanda. É um pensador distinto e original, autor de obras que fariam honra a qualquer professor ou philosopho. Mas.... falta-lhe a linha característica de um grande vulto, que lord Salisbury em tão alto grão possuía.

Que mudança na politica geral do governo inglês occasionará a nomeação do sr. Balfour para primeiro ministro? Desde já nenhumha, a não ser a que possa resultar da saída de dois ou tres ministros, entre os quais o sr. Hicks-Beach. Com o decorrer do tempo, porém, se o actual ministerio se conservar por alguns annos no poder, é indubitable que a influencia do sr. Chamberlain se irá accentuando, tornando-se de simples secretario das colonias pouco a pouco no verdadeiro chefe do governo. Até hoje o prestígio incontestável de lord Salisbury, perante o qual os outros ministros se curvavam, foi um decisivo elemento ponderador, que nas occasões criticas sempre abrou por impôr-se. Hoje esse elemento faltou nos conselhos do governo e não é decerto o sr. Balfour, com a sua indiferença meio-philosophica, meio-sceptica, que poderá ter mão no seu activo collega das colónias, de indole tão contraria a abstracções metaphysicsas, e servido por uma vontade de ferro, que lhe permite vencer com inflexivel persistencia todos os obstáculos. Primeiro ministro o ministro subordinado, é nossa convicção que n'esta segunda phase do governo unionista vai ser o sr. Chamberlain o verdadeiro presidente do ministerio.

CONSELHEIROS PEDROSO.

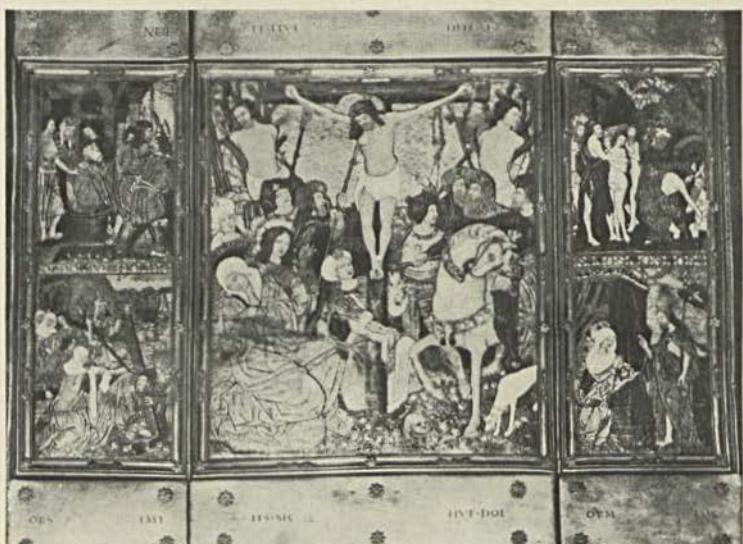
## As pinturas da Biblioteca d'Evora

**A** COLLEÇÃO de pinturas, de desenhos, gravuras e outros objectos d'arte que faz parte da Biblioteca Pública d'Evora, deve-se ao arcebispo D. fr. Manuel do Cenaculo, espírito de grande cultura e de muito amor pelo estudo, auxiliado pelos grandes meios que a mitra eborense possuia na antiga fórmula de governo. Ao que o ilustre prelado reuniram-se depois da extinção dos conventos de frades poucos objectos. Modernamente o museu foi augmentado pela compra de alguns quadros aos herdeiros de Joaquim Sebastião Limpio Esquivel, que os possuía por herança do bispo de Bugia.

Poucos donativos teem augmentado a coleção.

E valiosa; estão ali representados diferentes géneros e escolas.

Uma série importante é a dos desenhos a lápis vermelho, de Vieira Lusitano, quasi todos assignados à Assunção da Virgem, ou *Orpheu nos infernos*; são composições notáveis. Os dois grandes desenhos de *Eros* e *Psiché no festim olympico*, e *Júpiter e Juno ouvindo os dois amantes na assemblea dos Deuses*, são cópias dos celebres



Quadro em esmalte, de Limoges, existente na Biblioteca d'Evora

frescos de Raphael, no palacio Ghigi, em Roma, descriptos pelo Vasari.

Há na coleção pinturas em madeira, em tela e em cobre.

O Juizo de Salomão, e o Caminho do Calvário, bellas composições pintadas em cobre, parecem do mesmo pincel, e uma está assinada A. Willendorf.

Em cobre também, os quatro retratos das filhas de el-rei D. José, bem executados.

Uma pequena tela representando um pontífice ajoelhado ante o altar é atribuída a Murillo.

Duas paisagens em taboa, de tom azulado, com figuras muito detalhadas, teem a assinatura de Francisco da Silveira, e as datas 1730-31.

Trechos de arquitectura, e grandes ruínas de edifícios monumentais, pintados em tela, são obras pouco vulgares.

As escenas de caça, de Snider, prendem a atenção pelo extraordinário movimento dos cães, correndo ou brigando.

Retratos de damas, marcados M. me Deniers e M. me Creille, são documentos raros; em geral retratos antigos tem sempre merecimento, porque ainda não sendo pinturas artísticas, oferecem modelos de vestuário, joias, etc.

Dois quadros, assumptos religiosos, de Pedro Alexandrino.

A grande pintura holandesa, em taboa, que a nossa gravura representa, é muito característica; proximo da casaria corre um rio; e inverno; o rio gelado, os telhados cobertos de neve, árvores nuas;

muitas figuras animam o quadro, patinadores isolados ou em grupos divertem-se para aquecer. *Bredius*, conservador do museu de Bellas-Artes, de Haya, atribuiu esta pintura a D. van Alstoot, apreciando-a muito.

O Incêndio de Troia, com os episódios clássicos de Enéas, e do cavallo, é de Diogo Pereira.

Os Dois bispos, que a nossa gravura reproduz, são pintados em madeira. Chamavam-lhe d'antes os bispos gregos. São bem portugueses. Tem as suas mitras e baculos, e ambos estão de pluvial. Um tem luvas azuis, outro vermelhas; aneis sobre as luvas, como em outras pinturas se vê; nos fechos os firmas dos pluvias há distinções; um tem as armas de Portugal e Aragão, e outro a rede de pescador, divisa da rainha D. Leonor. Representam o bispo d'Evora D. Alfonso, e o cardeal, também D. Alfonso, filho do rei D. Manuel e de sua 2.ª mulher. E' pintura portuguesa do começo do século XVI. As mitras, baculos e pluvias são pintados com muito rigor, os bordados a perolas muito minuciosos, e vê-se que o artista se esforçou por apanhar as feições dos dois prelados.

Há uma cabeça juvenil, em tela collada na taboa, com o letreiro

S. Martin Adech Peer et Miles, finamente colorida.

Bons também os retratos chamados dos conspiradores de 1640; D. Manuel de Castello Branco, conde de Villa Nova, D. Gastão Lourenço, e Ruy Lourenço de Tavora.

O retrato de Paulo Osorio está assignado no verso: *Fernan Gonzalez*.

Possue o museu algumas telas do célebre pintor-amador, o morgado de Setúbal, que se chamava José António Benedito da Gama e Barros, observador e naturalista de valor ainda que ignorante de perspectiva; d'este é a pintura de cena nocturna, saltadeiros junto do lume, de bom efeito; e um quadro representando um gato, uma galinha, pratos de estanho e tacho de arame de colorido exacto, muito bem apanhados.

D'este pintor há outros quadros no paço arquiepiscopal, mas os mais importantes que conheço pertencem ao Sr. Groot Pombal, de Setúbal, onde ornamentam

uma sala da linda vivenda chamada a quinta d'Aranjuez.

O grande quadro da escola flamenga *Jesus menino entre os doutores*, tem sido atribuído a vários pintores. Christovão de Utrecht, a Van Eyck; a ultima atribuição é a Gerard David. Este quadro esteve na capella-mor da Sé, antes de edificada a actual, com os outros quadros que hoje estão no paço arquiepiscopal, no grande salão ante a capela.

Todos os entendidos que nos últimos annos tem examinado essas esplendidas pinturas em madeira concordam em que elas constituem um conjunto monumental da antiga arte flamenga. Felizmente estão admiravelmente conservadas, talvez devido ao clima seco da cidade; conservam os finos tons opalinos, as transparências d'esmalte que lhes comunicou a tempera cuidadosa. E ainda outro acaso de fortuna, nenhum restaurador lhes tocou.

Ainda outros retratos: o do marquês de Pombal, por Joaquim Manuel da Rocha; o do papa Clemente XIV; o de frei Ignacio de S. Caetano, arcebispo de Thessalonica, falecido em 1782; o de frei Alexandre de Gouveia, bispo de Pequin; o de Voltaire; o de el-rei D. Manuel, em busto, com armadura; o de S. Ignacio de Loyola; o de Carlos I de Inglaterra.

O Cogita mori, um sabio, um Fausto, meditando, é de origem alema; comparável, ainda que inferior na execução, a um dos quadros mais preciosos do Museu de Bellas-Artes de Lisboa, o que está assignado por Alberto Durer. A mesma figura, a mesma posição e aspecto geral. Neste da Bibl. d'Evora ha mais accessórios. Vê-se

pintado no quadro um crucifixo, por outro pincel, que nem mesmo soube collocar a cruz na conveniente perspectiva.

A *avarenta*, uma tiasinha idosa contando dinheiro, à luz de uma vela, é rasoavel estudo de luz.

O retrato do marquez de Abrantes pode ser de Vieira Lusitano.

A *castanheira com dois rapazes*, um que chora, e outro que ri, é pintura do morgado de Setubal.

O *cordeiro pascual*, rodeado de flores, da celebre Josefa d'Ayalla, ou de Obidos, é talvez a melhor pintura d'esta artista.

Uma cabeça energica, um rosto viril com barba branca, coberto de chapéu de largas abas, chama a atenção à primeira vista, destaca-se frisantemente; pode afirmar-se que é pintura de primeira ordem; já a atribuiram a Rubens, depois disseram que era o retrato do grande pintor, chamaram-lhe mais modernamente um soberbo Franz Hals; e creio que é o retrato de algum burgomestre flamengo, e a respeito do autor não ha duvidas, está assignado e datado: *Fecit ex tempore A. de Vris anno 1631.* E' preciso exame proximo para achár as letras no campo da pintura.

Ainda mais retratos, de D. Francisco de Lemos, bispo de Coimbra, do grande orador José Estevão, assignado *J. Slevart, 1862*, de um dos condes da Ericeira, de el-rei D. José, do patriarca Saldanha.

Ha bastantes gravuras e desenhos em pastas e albuns.

A *Anunciação*, em azulejo, de que damos a gravura, está desde ha pouco no museu Cenaculo, recentemente organizado nas salas do pavimento terreo da Biblioteca. E' obra d'arte rara. Veio do claustro do extinto mosteiro de S. Bento de Castris, onde encimava uma porta. E' formado o quadro por seis azulejos finamente pintados e esmaltados, em pura renascença italiana. Só vi cousa parecida no espolio de el-rei D. Fernando; era um quadro, tambem em seis azulejos, assignado *Niculoso*.

Outra gravura representa o tríptico esmaltado de Limoges; e esmalte sobre cobre, do século XVI, obra d'arte de primeira ordem. O quadro central é Jesus no Calvário, Longuinhos dando a lançada; nos lados os *predelas*: Pilatos lavando as mãos, o caminho do Calvário, a desida ao Limbo, e a Resurreição. Tons azulados e violaceos, os toques de luz dados a traços de ouro; alguns ornatos de pequenas perolas; os esmaltes verdes e azuis são de uma frescura admirável, a composição animada, a ornamentação variada, o todo de um aspecto opulento; está bem conservado.

E' superior ao famoso esmalte do Vaticano; nas grandes colecções do Louvre e do Cluny, em Paris, e do South-Kensington, de Londres, não vi cousa superior; e isto pôde agora dizer-se sem receio de parecer exagero desde os artigos que Boutroue dedicou ao esmalte d'Evora, na Ga-



*A Annunciação* — Quadro em azulejos que pertenceu ao convento de S. Bento e existe hoje na Biblioteca de Evora



Quadro atribuído a Alisoot e existente na Biblioteca d'Evora

zeite des Beaux-Arts.

Desse lindo e brilhante ramo da arte francesa temos obras capítulas em Portugal, o esmalte de Evora, e os famosos *Raymond* do sr. duque de Palmella; é que não tecem parceiros no estrangeiro, em dimensões, figura de trabalho, e estão de conservação.

O esmalte de Evora não está assignado; às vezes estas joias estão marcadas com umas humildes iniciais postas a um cantinho; no de Evora não consegui descobrir ainda o mais singelo monogramma. Foi comprado por avultada quantia no começo do século passado, pelo arcebispo Cenaculo.

Contam-se a propósito do esmalte lendas, baseadas num papel impresso collado na caixa ou estojo; acho possível que pertencesse a Francisco I.º de França, e que viesse de um Castiglione que foi

prelado de Toledo. O grande esmalte está n'uma vitrine da sala agora chamada de Filipe Simões.

Mercece a pena ir à Evora ver essa bella sala da Biblioteca Pública, as altas paredes forradas de boas pinturas, as vitrines cheias de obras d'arte de valor, raras, singulares, e as pequenas estantes com os seus livros e manuscritos preciosos.

G. Pereira.

## TRES TYPOS HISTORICOS

(Ao BARBICHAS)

**P**ERTENECEN à raça felina. Faço já honradamente a declaração no intuito de poupar desenganos ao leitor.  
Ir á cata de intensas e emaranhadas psychologias e deparar com personagens de longa cauda, orelhas a pino e pelo mais ou menos brilhante, deve ser um profundo desconcerto. Presumo.

Sei muito bem que a maior parte da gente, tanto na minha terra como n'esta em que agora vivo, considera matéria despresível a parte do reino animal que se convencionou chamar *irracional*.

Tenho conhecido portugueses que não são d'este parecer. Por exemplo, o falecido conselheiro José Silvestre Ribeiro, fundador da nossa Sociedade Protectora dos Animais, a qual, apertada no círculo dos seus fracos recursos, tem sido, todavia, há muitos anos, um dos mais constantes elementos de civilização do povo de Lisboa e seus contornos. O sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, autor da obra monumental *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarquia*, sobre ser um sábio e um benemerito a quem a pátria agoriana levantou em vida uma estatua, era ainda um caloroso e convicto defensor dos direitos dos animais. E, com este exemplo, ocorrem outros: o falecido general Joaquim Carlos da Silva Heitor, o sr. Julio de Andrade, o sr. Alfredo Gália, a...

Mas estes só são excepcionais. A maioria conserva embotada o entendimento e frio o coração para um objecto que se lhe antolha de somenos importância. E, não obstante, subsiste sempre esta verdade, palpável desde que se deite um pé fôra dos Pyrenées: — O procedimento com os animais é um dos muitos traços que de relance nos pintam o grau de civilização de um povo.

Postos em Irún, olhemos a um e outro lado. Além Waldeick Rousseau promulgou uma lei que bania de todo o território francês as touradas, que escalariam brutalmente a barreira pyrenaica. Pela maior parte a imprensa aplaude calorosamente. Em Paris pratica-se um género de protecção especial às famílias pobres que tem animais. Sociedades de vigilância fornecem mantas de abrigo aos cocheiros e carroceiros, para resguardar os cavalos durante as paragens; oferecem, para a extinção dos cães vadios, aparelhos cuja base é o chloroformio, evitando sofrimentos inuteis; trazem, em serviço diurno e nocturno, automóveis para condução dos animais feridos ou doentes; promovem enfileiros de animais, sobretudo aos que trabalham, numa protecção efectiva, constante, segura.

Nos jardins públicos da capital francesa os passaritos pairam tranquilamente na terra e participam, descuidados, do lanch das creanças. Ali o animal nunca é bravo porque não tem de que o ser.

Em Madrid o acontecimento fundamental, culminante, agitador entre todos, é a tourada; sobretudo se n'ella houver duas ou três cojidas. E' para essa festa de barbaria que as mulheres se engalanam mais

vistosamente de mantilha e flores; que os homens juntam, com mais sacrifício aos seus hábitos perdidários, as suas melhores economias. Por diante do *Retiro*, na *calle de Alcalá*, os que não tem dinheiro apinhâo-se em filas compactas, que os guardas contêm por vezes a custo, para cravar olhos avidos, ciosos, nos felizes que voltam da praça.

Nas recentes festas do juramento do rei, anunciam-se, para atrair os *forasteros*, que se matariam em Madrid com touros. Não averigüei se se mataram tantos. Mas houve dias de duas touradas.

Mas peor que isto é ainda a festa clásica dos *pueblos* na província espanhola: *el toro*. Este adioso espetáculo toca as raías do selvagismo bestial; sem o mais leve vislumbre de arte que o resalte. Vem um dia santo de devoção. A povoação hispanola prepara baileiros e musicistas; e, se consegue reunir em subscrição 50 a 60 duros, compra o bicho martyr, e gosa a folganza das folganças: *el toro*.

Fecham-se as aberturas à praça mais adequada do logarzão. As janelas das casas são os camarotes. Cae ali o povoação em peso, as autoridades, toda a gente dos arredores. O miserável animal é introduzido na praça. Então, no meio de uma gritaria demoníaca, os latagões mais forçados da terra, absolutamente ignorantes da arte de tourear, saem a terreiro munidos de umas longuissimas varas com ponta de ferro, e bestialmente esplicam o touro, n'um desmando de barbaridades em que entra muitas vezes a de lhe esperarem os olhos. Acaba o divertimento quando o animal nem já para aquella chassina tem corpo. No dia seguinte distribui-se a carne. E aquella bon gente tem ainda o gosto de devorar bifes de touro em lugar de *cocido de cabra*. Se ocorre passar entôz por ali um destes grupos de toureiros faintitos, de quarta ou quinta classe, que percorrem sempre a província hispanola, os da terra recebem-n'os de mau cariz, ás vezes a *palos*.

*Compraram o touro para divertir-se — berram, convencidos — «não para que se diciram os toureiros.* E a autoridade, que também tem parte na subscrição e na respectiva distribuição dos bifes, reconhece tacitamente este direito.

Mas que admira isto, afinal, n'um povo que tem ainda os combates de feras e os combates de gallos?

Nunca em Madrid ou no Retiro ou no frondoso arvoredo da Moncloa, os passaros se aproximam ou consentem que nos approximemos. Porque? Basta a explicação que encontramos n'um recente artigo do vigoroso periodista sr. Eusebio Blasco em *El Liberal*. Madrid devora avidamente passaros fritos. Por todos os arredores d'esta bella capital, nas províncias em que ha arvoredo, sobretudo na Ex-

tremadura, apanham-se quantos passaros se podem apanhar para satisfazer o guloso appetite dos madrilenos. Afirma o sr. Eusebio Blasco que só um industrial cuja casa faz esquina entre a *calle del Príncipe* e a *del Prado*, consome durante o anno trinta mil duizias. Lembrando a ternura, até veneração de outros povos pelos passaros que tanta beneficio prestam ao reino vegetal, commenta o sr. Blasco: *Nuestra raza es ferocia, por lo mismo que es, en su mayoría, ignorante.*

Mas onde me ficaram os *tres tipos históricos*? O leitor, se, como eu, se interessa por estudos biológicos feitos em *animas rústicas*, bem me pode pedir a divagação que não foi voluntária. Eu estou até n'um d'estes momentos de misanthropia em que nos comprazemos mais de tratar com brutos, do que com homens. E aproveito a disposição para estabelecer um corollario que passa a demonstrar com factos autênticos, ligados a tres afectos que deixei em Portugal: «Os animais têm tambem as suas idiosyncrasias»; e o meio actua n'elles, material e sentimentalmente, como no seu vulgar tyrano, o homem.

Rosa Bonheur, na sua intimidade com as selvias, devia ter auscultado muito d'isto.

Henriette Ronner, a celebre pintora alema, que surpreendeu o gato em todos os seus graciosos requiebros e posturas, criando esses reputados quadros que deixou por Dusseldorf, Paris, Hollanda e Bruxelas, através da sua nobre e laboriosa vida entre o pae cego e o marido incapacitado por doença, dariam sem dúvida algum valor ao esboço de *psicología felina* que von pudir ás minhas reminiscencias patrióticas.

O Macaco era um maltez, assim chamado, creio, pela cor do pello,



*Os bispos portugueses — Quadro existente na Biblioteca de Evora*

bastante comparável á de um simio. Quando veiu para a casa da rua das Prazeres já trazia aquelle nome. Puzer-lhe o dono, o sabio dr. J. J. Rodrigues, na gaveta de cuja secretaria, sempre aberta, elle rourava durante annos, enquanto o outro profundava os tenebrosos segredos da chímica.

Ao partir para o Brasil o doutor deixou aquella prenda ás sebas das ruas das Prazeres.

Nunca se chegou a averiguar ao certo se, de convivência tão intelectual e culta derivara para o *macaco* aquella série de qualidades e tendências que formavam marcadamente a sua maneira de ser, e que em nenhuma observem semelhante quadruplicada da sua nem de outra espécie. Elle reunia todos os atributos da educação refinada que compõem o delicado e o egoísta. Tinha todas as distinções *pessoas* — releve-se sem o adjetivo — até a dignidade da indumentaria. O seu traje era todo vigorosamente de uma só cor — cinzento azulado. O pelo, de um assetinado oriental, devia o seu meticuloso aceno á mais rosada e mais activa das linguas.

Esguiu, flexível, possuindo no

mais alto grau a elegante sinuosidade da sua raga, podia classificar-se o tipo genuino da aristocracia felina. Muito grave, nunca arranhava, se querer com certo desdém tranquillo. Não mudava de lugar, ainda que o enxotasse. Estava certo de que isso só lhe acarretaria desgosto.

Nunca na sua vida acudiu ao chamado de ningum: — «Macaco! Macaco! Psi-ch, psi-ch, psi-ch!». — Escusava-se de se cangar! se sobre a almofada predilecta, elle olhava um momento entre sonolento, e misterioso; depois, acen-tuando bem o seu desprazer, passava o braço sobre o focinho, e, como quem diz: «Estera, que já vai», encrochava-se mais nas profundezas do sono que ás vezes o agitava nervosamente.

Comia pouco, sempre com encrupulosa limpeza. Havia pratos de sua predilecção: bacalhau guisado com batatas, caldo de qualquer modo, salmão, peixe de escabache, pão de ló, carne embaixo. Todo havia de vir em prato meticulosamente lavado. Sempre rejeitava. Bebia agua na sala, num taça de porcelana fina. Quando tinha sede, saltava á mesa. Se na taça não havia agua, esperava. Ao passar algumas das senhoras, elle miava uma reclamação. E esperava ás encontrar-se servido. Queria sair da sala? Esperava pela porta acima o seu velho esguio pedindo que lha ábrisse. Satisfeito o desejo, articulava um miu, repente, deixa tremulo, que, na pragmática felina a que elle tinha ascendido, devia querer dizer: «Ora muito obrigado!». — Para entrar, uma vez, um pouco parecida a esta, que as senhoras traduziam assim: «Se me fizessem o grandissimo obsequio de abri...».

Nos mios do *Macaco* havia, sem nenhuma dúvida, uma graduação intencional. Aquillo não era bem palavra; mas tinha claramente sentido. Ás vezes, ao encontrar-se só no pavimento inferior a companhia dos criados para elle só era companhia — saia á escada e dava dois ou três mius, estreitantes, alterados, de man humor. Isto queria dizer: «Então, que é isso? Hoje não se pensa em vir cá para brincar?».

O quintal era constantemente invadido por uma verdadeira caifila de gatos errantes, vadios. O *Macaco* sentia por aquella chusma o desprezo e repugnância que a gente limpava, de bento sente pola infânia canhala. E tinha-lhes também um medo horrendo. Se alguma mais atrevido se metta com elle, ou até se entre uns e outros se armava arranquehada serrufasca logo estrugiam os arcos uns mias de desesperada aflição e supplica que evidentemente significavam: «Ajudam, ajudam, amigas. Ai, que esta quadrilha de malfeitos dão cá de mim!». As senhoras acorreram espavoridas, os meliantes punham-se em fuga cada um por seu lado, e o bicho do *Macaco* voltava á posse serena dos seus territórios, onde havia avores que elle trepava com uma ligeireza e elegância nunca vistas.

Um dia — infelizmente não recordo a data — as senhoras começaram a notar um facto estranho. D'entre a caterva felina, o *Macaco* distin-

giu complacente mente um individuo. Via-o com bons olhos; não levava a mal partilhar com elle a soalheira do terraço junto á casa; e começava á inicial-o na arte de trepar ás árvores em que era exímio.

O outro era um pobrezito, magro e humilde, com o dorso preto e o peito branco, que as fomes padecidas tiravam-lhe completamente o gusto pelos cuidados da limpeza...».

Na barba tinha uma grande malha preta, signal que diferenciava de outros brancos e pretos, talvez seus primos, que por ali andassem. Foi motivo para que as senhoras deixassem em breve de chamá-lo *O amigo do Macaco*, passando a denominá-lo mais subjectivamente *O Barbichas*.

Certa manhã um acontecimento estranho elevou de repente de *Barbichas* a uma situação a que elle decretou na sua sympathia modestia nuna teria aspirado.

Um dos gatos pretos e brancos, aparecia no quintal dando uns miós debés, abafados, sacudindo desconsoladamente uma caixa cilindrica de lata, onde conseguira introduzir a cabeca e que o tinha fido pelo gatuscote como garrá inflexivel. O supplicio durara muitas horas. Um criado dizia ter visto na vespera ao deitar-se um gato que fazia os mesmos movimentos. Pelo escuro da noite não pudera distinguir de que se tratava. Era um simples episodio do negro drama da fome. Seduzira o pobre *Barbichas* o cheiro tentador de uma lata esvaziada de salmão inglez. Com esforço conseguiu meter a cabeca, procurando attingir o fundo. O supplicio de Tantillo requintado!...».

Foi difícil livrar a cabeca do *Barbichas* d'aquele incomodo appendice, o pescoco ficou-lhe muito matrastado. O operador correu risco de fortas arranhões.

Não conservo na memoria se o *Macaco*, em tão comovente lance manifestou algum interesse amistoso. As senhoras, essas sim. Desde aquele momento resolveram dar sempre almoço e jantar ao *Barbichas*, se conseguissem domesticá-lo.

Não foi ardua a empreza. Ao primeiro aceno acoledor elle parecia sempre dizer: «Por isso estou eu morrendo!». Nunca deixou de acudir promptamente ao chamado.

Foi assim que, decorrido muito pouco tempo, o *Barbichas* estava reconhecido um *habilidão* do terraço, com a sua odiosyncrasia declarada, os seus costumes quotidianos, a sua maneira de ser marcada e regular.

Vulgarei, sem sombra da distinção aristocrática do *Macaco*, elle tinha porém soberanamente aquele atributo que os hispanos chamam *don de gentes*, e que consiste em um animo spontaneamente social vel que attrahe de improviso sympathias.

Vivia no terraço brincando pacificamente com o *Macaco*, que nem pelo entusiasmo dos folguedos perdia a sua linha de *grand seigneur*. Lembrava o membro fidalgó cuja ares de superioridade imperativa o filho do servil que veio no paço divertil-o.

Circunstância essa dia mais notoria era a amabilidade e meigice do *Barbichas*, em flagrante contraste com o preciosismo requintado e indolente indiferença do *Macaco*.

Era sentir as senhoras no terraço, e o *Barbichas* logo aos seus pés dando voltas e cabriolas, como a dizer: «Acreditem, ex<sup>mas</sup> amigas; eu sou o bichano mais agraciado que o sol alumia». Por isso também as refégeas, preparadas geralmente á mesa, no fim do almoço e jantar, foram rapidamente melhorando em conduta. Servil-o era simples. Bastava tamborilar no portão da porta de vidraga. Apresente logo, correlo, patenteava o imponente apprite que em cuestões traçava á volta do prato oloroso. O que esperava o *Barbichas*? A festa. Esperava que lhe passassem a mão una ou duas vezes pelo dorso com carinho. Cumprido o apprite elle atirava-se a comez gulosemante, com muito mais gosto e muito menos correção do que o impescavel *Macaco*.

Terminada a refégea, lambido e relambido o prato se o meu era de preferencia, mandavam-lhe que saisse e obedecia imediatamente, sem protesto. Certos hábitos derivados da vida nominal tornavam perigosa a sua permanencia em casa. Nem elle o appetezia, o selvagemitá. *Comida feita companhia desfida* era um preceito que elle assimilava perfeitamente.

Chegado o inverno, as senhoras começaram a sentir magoa de que o protegido sofresses as inclemências noites de tempestade pelas quinatas e telhados. Mandou-se-lhe fazer uma casita de madeira em cujo solo se estendeu uma camada de boa palha. O *Barbichas* comprehendeu logo que aquella dependencia era destinada no seu uso e conforto particular. Em casa era geral a crença de que elle nunca mais apanharia aquela Fez-se varias experiencias. Caisa inclemência aguacalente. As senhoras tamborilavam na porta de vidraga. O focinho rossio do *Barbichas*, apontava instantaneamente á porta da guarita, querendo sem dúvida dizer: «Sim senhor, cá estou. Até logo.»

Sem traços de civilização, ao principio arranhava seu querer. Em poucas lições, com meia dezia de piparotes, aprendeu a encoller as unhas fazendo patas do veludo.

Quando se apinhou gordo, velho, forte, ataviado já com as colheiras usadas do *Macaco*, resolvendo-lhe de si para consigo limpar o terraço da gataria intrusa. Era ver assomar algum. Logo uma carreira implacável ate d'elle. «Eh! Fora. Fora!»

Mas, através da sua prosperidade, as qualidades subjectivas resaltavam sempre: inteligencia viva, docura inalteravel, muita lamborece, persistente indiferença pelo aceno.

Descobriu-se-lhe um dia um amigo plebeu. Era um preto, escanellado, esqualido, a trocar as pernas de fraqueza, com uns olhos verdes muito desbotados, muito tristes. O *Barbichas* nunca o enxatava. Conselhe lhe até que se abrigasse da chuva entre os ramos verdes que forravam as paredes do terraço.

As senhoras entraram a chamar-lhe *Pedro Caruso*, de não sei que miserável pertenecencia do repertorio do Novelli.

Um dia o *Pedro Caruso*, do meio da sua apaticha tristeza, emergiu para a practica de um acto que o recommendou definitivamente ao carinho da casa.

Depois de refeição opípara, comida com delícias de grande glutão



HENRIETTE RONNER



BARBICHAS

que era, o *Barbichas* saia ao terraço esperneando-se. Vae-lhe ao encontro o amigo *Caruso*, de ventas proeminentes, pescoso esquelético muito estendido. E, triste, paciente, resignado, põe-se a lambor com methodo e deleite o fochino do *Barbichas*, onde ha claros vestígios do banquete.

Com isto ganhou o *Pedro Caruso* almoço e jantar para a vida. O caso entrecerrou a família e não era para menos. Ali o pathetico attingia propórees descomunais.

Pobre *Caruso*! As fomes e a desgraça teimosa já o tinham inutilizado para a alegria, para o saber gostoso de viver. Comia sempre pouco e bebia grandes quantidades de agua. O seu regalo era levar horas estatelado no terraço. Nunca trepou a uma arvore nem emprehenden a brinadeira. Chronicamente desconfiado; chronicamente assustado; não ousando acreditar na felicidade. Nunca entabulou relações com o *Macaco* que parecia nem sequer dar por elle. Se o *Barbichas*, ao passar, matreiro, lhe dava uma sapatada tomava aquillo a mal. Era logo — «Pfe!»

E assim, durante annos, viveram lado a lado estas tres criaturas felinas, seguindo cada uma o seu destino, revelando qualidades proprias a profunda, porém sempre limitada, influencia do meio.

Já não são d'este mundo nem o *Pedro Caruso* nem o *Macaco*. O primeiro faltou um dia e nunca mais voltou. A morte, coherente, foi colhido no abandono de algum telhado ou quintal extraño. D'ahi em diante havia sempre muita agua no alguidar. Já lá não estava aquella grande sede que lhe baixava promptamente o nível. E esta circumstancia insignificante não deixava esquecer o infeliz *Caruso*.

Depois de uma semana de fastio absoluto, passada tranquillamente n'uma almofada, sempre elegante e limpo, sem se queixar, sem incomodar ninguem, sem desmentir nunca o sentido esthetic, a que parecia obedecerem todos os seus actos, o *Macaco* rendeu tambem... exhalou o ultimo suspiro na sua casa da rua dos Prazeres.

Jaz sepultado à sombra da nespreira que tantas vezes trepou na graça inovável da sua flexuosa carreira.

Apenas sobreveio hojo o *Barbichas*. E' um rolio exemplar da raça, feliz, vulgarote, muito meigo, muito lambido sempre apesar da abundancia que o cerca, muito Sanchez Panca, mas coração firme e leal, com as suas relações completamente cortadas com os felinos desde a perda dos extintos amigos *Macaco* e *Pedro Caruso*.

A vida dos animaes, quando bem observada, impressiona sobretudo — pois não é verdade, senhores philosophos? — pela intima relação e parecenza que tem com a vida humana.

Madrid, julho, 902.

CATEL.



## AOS BOERS

Ides partir p'ra a vossa terra bella!...  
Ide! Ao deixar a terra portugueza,  
Passado o Algarve, encontrareis a estrella  
Dos Reis-Magos, no ceu, de novo, accesa.

Guiai-vos-ha, entre palmas e entre ramos,  
Longe de nós, a linda estrella ideal!...  
Até lá basta a prece que entoamos!  
Até lá basta o ceu de Portugal!

Sede felizes! A' vossa alma forte  
O que trouxe a bandeira d'Inglaterra?  
Continuareis amando até á morte!  
O que ides encontrar é a vossa terra!

São os que eu amo aquelles que aqui estão,  
As nossas crenças só as verdadeiras  
E o mundo o que nos vae do coração,  
Em ancia, até á linha das fronteiras.

Mundo que o mar aperta n'um abraço,  
Gritando em tudo a nossa intrepidez,  
O que fica p'ra além? mais um pedaço  
De terra aonde o sol não dá talvez!

Com as ondas aos pés, sempre a procella  
Ao pé, é claro que ha-de haver escolhos;  
Os nossos lindos corações á vela,  
E' o mar apenas que nos molha os olhos.

Terra d'heroes e de poetas, canta  
Tudo em nós hoje uma doirada esp'rança;  
Até as pedras nosso olhar levanta!  
Até as almas nosso amor as cança!

Luctar, vencer! n'um peito de soldado  
E' onde bate o coração mais puro...  
Que diz a Historia? a gloria do Passado!  
E o Passado? a certeza do Futuro!

Isto o que eu penso e toda a gente sente,  
Isto o que está dentro de vós, Irmãos,  
Que brandis uma espada como a gente  
E, como nós, ergueis, p'ra o ceu, as mãos.

Mas d'este forte e glorioso povo,  
A' terra onde descancam vossos paes,  
Alguma coisa vos levaes de novo,  
E' a saudade que d'aqui levaes.

Terra santa, que olhastes tantas vezes,  
Vós longe a lembrareis, já a chorareis!  
Tercis saudades como os portuguezes,  
Que têm essa palavra e poucas mais.

GUEDES TEIXEIRA.



## As nossas gravuras

*Em Pelotas* — Dois croquis do natural, apanhados à faina diaria do Brasil. N'um, o trabalhador sempre na sua tarefa invariável; em outro, a brincadeira quotidiana de dois pequenos, à roda do grosso tronco da arvore.

*Una regata preparatória* — O Real Club Naval de Lisboa realizou um d'estes exercícios de vela, entre os seus socios. Ensaios para luta maior, no começo do outono que vem passando.

*O ascensor de Santa Justa-Carmo* — Kil-o, já pronto, e em plena exploração. As cabinas por dentro são elegantes e espaçosas, e correspondem plenamente à cabine artística da torre que é um dos trabalhos mais perfeitos da nossa industria em ferro, e ao bem lançado da ponte que liga a torre à muralha do Carmo, dando acesso aos passageiros para o largo do Carmo. Quando se lançou essa ponte o *Brasil-Portugal* teve occasião se referir ao trabalho monumental de José Messner, interinu um artigo descriptivo firmado pelo ilustrado escrivão L. F. Mauá, que publicou o *Vale Fazenda*.

*Dr. Lourenço da Fonseca* — Em pleno vigor da vida, e de uma vida de trabalho e abnegação scientifica, faleceu este ilustre clinico, especialista de modestia de olhos, tão conhecido em Portugal como no Brasil, sobre o qual deixa importantes livros. O dr. Francisco Lourenço da Fonseca voltava agora de Buenos-Ayres onde começara a soffrer do fígado. Durante a viagem, o mal aggrava-se e nove dias depois de ter chegado a Lisboa, morria n'um quarto do hotel onde se hospedava.

Entre os reses que deixa, prova do seu alto valor intellectual como homem de ciencia e como homem de lettras, citaremos a *Flora brasiliensis*.

*Uma vivenda no Rio de Janeiro* — E' a reprodução de uma linda vivenda brasiliense, destacando-se n'um fundo todo de verdura que cresce exuberante, espalhando ao redor a frescura que a aragem não dá.



Um avaro não é bom para ninguem, mas é cruel consigo.

\* \* \*

O que os principes aprendem melhor é a equitação, porque o cavallo os não lisonjia.



# CHRONICA

**O**s leitores viram acaso por ahi o verão? A Chronica não o lobri-gou sequer ainda. Debalde tem perguntado ao julho e julho inclemente e frigido responde-lhe quando muito, ahi pela volta do meio dia, com uns raiosinhos mais quentes de sol. Mas depois o azul celestial escurece, as nuvens desfazem-se em vento, a gente agarra no paletó e em vez de ir tomar neve ao Ferrari recolhe a casa para tomar chá, e julho vai já no seu fin, bate à porta o agosto tropical, e a respeito de verão, era uma vez. Foi tempo em que o estio abrava-sa, e se ia passar a noite para a Avenida ou para S. Pedro de Alcantara à procura de uma brisa...

Que ainda há verão é incontestável; onde elle anda, é que se não sabe. Mudou-se, com certeza, mas para onde? Dizem que não deu parte da mudança, talvez, para não pagar descima, com medo dos sellos e das multas que a todo o instante e por todos os motivos, se exige agora desde que se creou uma Inspeção Geral dos Impostos.

Se foi realmente para não pagar impostos que o verão fugiu do nosso paiz, teve muito juízo, porque em Portugal, um dos problemas mais complicados está sendo sem sombra de dúvida o do imposto. Entrou-se em pleno regime do silêncio, concedendo-se à Inspeção respeito e ao enorme batalhão de fiscais seus, os direitos mais desconsideráveis desde o invadir-nos a nossa casa até o levar-nos para o estarmos. Até aqui um transgressor sabia que ia parar a juiz; hoje não sabe já onde vai parar, mas fica logo sabendo onde vai parar o seu dinheiro.

Francisco I dizia que o Estado era elle, em Portugal agora, o estado é o Imposto, com uma guarda pretoriana de fiscais de todas as classes. Naturalmente, na febre do multar a torto e a direito, ameaça talvez o de invadir-nos a nossa casa até o levar-nos para o estarmos. Até aqui um transgressor sabia que ia parar a juiz; hoje não sabe já onde vai parar, mas fica logo sabendo onde vai parar o seu dinheiro.

Fel-a-bonta, o Sr. Imposto. A fuga do verão representa para o nosso paiz, n'este momento crítico, um prejuízo incalculável. Desde a indústria do gelo que tem tido uma enorme quebra, até às lojas de modas que estão cheias de fazendas ligeiras e de chapéus de palha, a *degringolade* é geral. O café Martinho já não faz sorvetes, os kiosques do Rossio já não fazem limonadas, e os poetas já não fazem versos... à sua Lisboa deixou-se ficar na capital, à espera do verão e como elle não chegou, ella não partiu para o campo. Ao contrário de Sotto Mayor que uma vez aparecerá no Parlamento, em dia medonho de chuva, todo de ponto em branco, exclamando ironicamente: «eu faço o meu dever, não tenho culpa de que o tempo não faça o seu», Lisboa aproveitou-se do feio procedimento de junho e de julho e deixou-se ficar em casa, à espera do sol abrasador, das noutes serenas, e da agua fresca.

E naturalmente quando tudo isso lhe aparecer, dirá com os seus botões: Ah! sim, pois agora não saio já; e se ainda alguma vez sentir calor, mette-se n'un carro eléctrico, que é onde se apanha fresco a valer, e vai dar um passeio.

E' claro que não ha regra sem exceção e deve-se abrir-a para as Thermas...

As thermas! Aqui está uma cousa que d'antes não havia por cá, e que talvez não seja para admirar, visto que d'antes também não havia tanta necessidade d'ellas. Não queremos afirmar que sejam as aguas que fazem as doenças, para as quais se receitam depois as mesmas aguas, mas como observadores e como chronistas, não podemos deixar de fristar que desde que se inventaram thermas para todas as afecções que intestinalmente apontavam a humanidade, começou logo toda a gente a sofrer dos intestinos. Por certo que não se pretenderá fazer-nos crer que os nossos avós não tinham figado nem estomago, o que a chronica pretende demonstrar é que elles não sofriam d'esses órgãos pelo simples motivo de que a agua, se a bebiam, era apena do Carmo ou do Chafariz de El-Rei, agua em que ninguem já falla e chafariz que não sabemos bem se ainda existe.

As thermas, quanto a nós, são uma moda tendente a desenvolver o comercio, e como tal aceitam-nos e sentimo nos até dispostos a fazer lhes reclame. Mas não são mais nada do que isso. Se tentarem persuadir-nos de que são um remedio, protestamos em nome da pratica. Eu bem sei que a medicina as aconselha e as recita, mas a opinião da scienzia está tão dividida em materia thermal, que o melhor a fazer é considerar a apenas uma d'essas modas importadas do estrangeiro, e que exactamente porque são moda, aparecem e desaparecem, chegam, duram pouco e morrem, sem se saber bem porquê. Assim como hoje as senhoras usam a cintura curta, e hontem a usaram comprida para amanhã tornarem a usar-a mais comprida ainda, sem explicação, sem regula artística, sequer, assim as aguas são hoje boas para o figado, e

amanhã já o não são, segundo o capricho da nossa modista ou do nosso assistente.

Para a chronica o figurino depende do humor de quem o decreta. Se amanhã Mimi Pinson ou alguma outra soberana da moda se lembar de implantar novamente a saia de balão, é que toda a gente vai ao baile ao vindima, não sabemos até se com meia d'algodão, como diz a quadra popular. E se amanhã o sr. dr. Antonio de Lencastre ou o sr. dr. Carlos Tavares entenderem que a melhor agua para curar os males da humanidade, é ainda a agua do Alviela, a companhia das aguas não tem remedio senão arranjar uma nascente ahi em qualquer ponto bonito, arranjar-lhe um hotel com dieta, e comboios a preços reduzidos, porque o Alviela matará Vidago, as Pedras Salgadas, Entre Rios e todas as thermas até agora mais ou menos famosas para a gente voltar de lá com peso a menos e fome a mais.

A verdade é esta. Cada medico tem as suas aguas prediletas, como tem o seu remédio. Não é raro ouvir dizer:

— Vinho? Vinho não beba, faz mal, irrita.

Sabe-se logo que o doutor não tem vinhas e embirra até com ellas.

— Café? Café é um tonico esplendido! Mal ao nervoso! Qual história! Mal aos nervos faz mal o tomar.

E' pena que o medico éacionista de qualquer das companhias agricolas africanas que representam hoje no nosso mercado bolsista o papel que em tempo tiveram as companhias de minas.

Eu já vi um medico curar doentes atacados de typhos, com bello arracção. Os doentes salvaram-se, em verdade, mas ficavam com tal enjôo á bebeda, que nunca mais eram capazes de tomar sequer dois decilitros.

Com as aguas nacionaes sucede ainda á sociedade portugueza uma cousa muito singular. São esplendidas, mas não melhor ainda. Se o doente é de posses, as de Vichy, as de Contrexeville são melhores. Agora se não quer gastar muito dinheiro na viagem, então é das de Gerez só magnificas. Do que se tira este corolario logico — que a necessidade do uso das aguas está na ordem logica da fortuna de cada um — o que é uma verdadeira pachincha, porque o pobre que não pode viajar, pode beber apenas a agua do contador, que se lhe não fizera bem, mal também lhe não fará. Agora se alguma vez cahir em tomal-as na sua origem, então é pela corta, o mal aviva-se-lhe e nuns mais poderá, na opinião da medicina, deixar de as tomar...

E deve de ser assim. Uma vez, ha annos, passando como touristre pelas Caldas da Rainha, cujas aguas são famadas para doenças rheumaticas, a Chronicle pondera ver que a temperatura da villa, ainda em pleno esto, era tal que mesmo não se tomado banho, sabia-se de lá encharcado, tal é a humidade e a cacimba que cahem, especialmente á noite.

— Pudéra, dizia-lhe então um alto espirito que era ao mesmo tempo um rheumatico chronico. Estás áhi o segredo das Caldas. E' que cura os doentes, e transforma em doentes os sãos.

Assim era: A gente ia lá como touristre apenas para passear na Copá ver dansar no Club e sabia de lá como doente, com dores pelo corpo, e seu movimento nas articulações. E com este segredo arranjaram as Caldas da Rainha uma geração de rheumatisados com larga descendencia que lhes assegura futuro prospero. A iniciativa local fez o resto: atrahiu os doentes, pela fama das aguas e as famílias respectivas, pela fama do Club. Os avós levaram os filhos, estes levaram os netos, e tanta vez lá foram dançar o pas de quatre que acabaram por dançar... com dores rheumaticas. D'ahi, toda essa geração de guthosos. A grande percentagem dos dilettantes das Caldas, apanhou lá o rheumatismo, e ainda lhes ficou agradecida, porque se divirtiu...

E' isto o que está sucedendo nas outras thermas, o que acontece lá fora e o que explica por conseguinte toda essa febre de gente que parte e de gente que chega, apesar do verão não ter apparecido ainda...

Que d'antes não havia tanta doença, é uma verdade incontestavel e incontestada, verdade que resulta ainda dos progressos ou das caminhadas da scienzia cirurgica com respeito a outros males.

Dírla, mas d'antes soffria-se da mesma forma, e morria-se tambem. Sómente não se conheciam nem a causa do sofrimento nem a razão da morte.

Ora muito obrigado, se eu tenho de sofrer por força, o que ganho em saber o que me faz sofrer, e se morro, menos ainda me importa saber o que me mata.

JOSÉ COSTA.

# Uma regata preparatoria

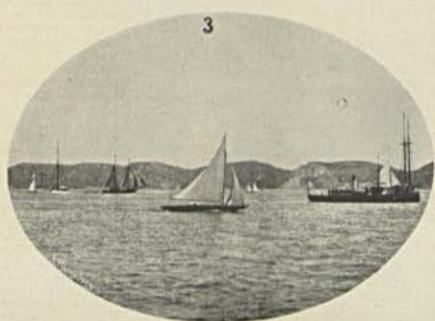
REAL CLUB NAVAL DE LISBOA



1



2



3



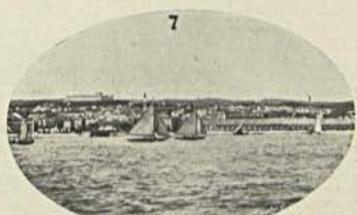
4



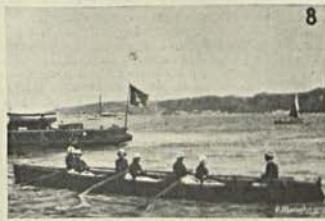
5



6



7



8

1.º — O pallabote «Diorahs» do contra-commandador do club, dr. Manuel da Castro Guimarães. 2.º — O bulb-keel «Naiade», do sr. Carlos Bleck.  
3.º — Um bulb-keel em regata. 4.º — Um offrige do club. 5.º — Depois d'uma chegada de remos.  
6.º — As chalupas «Estrela» do sr. Carlos Luiz e «Quente» do sr. Arthur Duarte Pereira, virando pela proa da «Diorahs». 7.º — D.ia bulb-keels em regata.  
8.º — Lygia, guiga de 6 remos, vencedora.

# Por uma flôr

I

**CONDE DE CLAIRVILLE** acabou de dar a sua unica filha em casamento ao marquês de Kergonet, de uma nobre e altaiva família da Bretanha.

A cerimónia acabara e as portas da igreja estavam abertas de par em par, mostrando o altar-mór ornado com flores e luzes, e no limiar engrinaldado aparecia o par juvenil, enquanto os sinos repicavam alegremente. Toda a natureza parecia estar em appurto festivo, porque os suaves aromas da primavera enciam o ar, os passaros da floresta cantavam alegremente, e os raios do sol cahiam como uma auréola nas frontes do noivo e da noiva. Ela era linda e graciosa, e com o seu vestido branco e o seu veu nupcial parecia um anjo descido do céu; o noivo, nobre e cavalheiresco, olhava com inexprimível amor para a formosa rapariga que se encostava ao seu braço.

O povo dos campos vestia os seus fatos domingueros, os homens com rosetas nas casas dos botões, as mulheres com lyrios de valle nos corpetes, e todos agitavam ramos de espinhheiro floridos e faziam ressoar nos areos as suas acclamações.

"Viva a menina Yolanda! Viva a noiva! Deus abençõe a nossa querida e doce menina!, gritavam elles, e de vez em quando acrescentavam: "Viva o marquês!"

A igreja de Clairville dominava a aldeia, e era construída na eminência de uma rocha, a que se ia ter por um ingremo e sinuoso caminho, ricos e pobres, nobres e plebeus, mortos e vivos todos tinham de entrar na igreja pela "Entrada do Paraíso". O cortejo nupcial, resplandecente de ouro e seda e velludo, e seguido pela multidão que o aclamava, desceu por uma rustica vereda para o sítio onde as carregagens estavam esperando, e o noivo, agracado com o entusiasmo da população e com o seu evidente afecto pela sua noiva, disse-lhe ternamente:

— Vê, meu amor, como este povo lhe quer? Nunca a hão de esquecer. Receio que me perdoem o roubar-lhes o seu anjo bonito.

A noiva sorriu-e levantou por um momento os seus bellos olhos para o rosto do marquês, e depois voltou-se para seu pai, dizendo:

— Está um dia bonito, papá; não podíamos ir a pé para casa?

— De certo, minha filha, se assim o desejas, respondeu elle contente por ter uma occasião de ser agradavel a sua filha de quem se ia separar em breve, e para conseguire o par nupcial e todas as pessoas juventua do grupo seguiriam através da aldeia para o castello de Clairville, que ficava do outro lado, enquanto as pessoas mais idade seguiam de carruagem.

Yolanda, encostando-se ao braço do seu marido, parava repetidas vezes nas humildes cabanas onde os pobres velhos e velhas, que a idade ou a enfermidade não deixavam sair, estavam esperando as portas para ver passar a noiva. Para cada um teve uma palavra, e um sorriso, e muita mão tremente e fraca, muita voz debil se levantou para a abençoar.

A alegre procissão chegava a uma volta na estrada estreita e teve de parar, porque encontrou um enterro. Era um funeral pomposissimo: não havia coroa ou braçao na branca mortalha que cobria o cadaver de uma rapariga, sem uma flôr, sem um botão se-

quer, apesar de se estar em plena primavera. Atraz do caixão, um homem pobramente vestido, o unico que formava o prestito, seguia vagarosamente, parecendo, com a sua cabeça curva e com o seu rosto tapado com as mãos, a viva imagem da desesperada dor. Ao ver o cortejo nupcial de Clairville, os homens que levavam o caixão param, e quizeram sair da estrada, mas o homem de luto levantou a cabeça e olhou ferozmente para esse grupo feliz, que com os seus ricos vestidos de gala e com as suas faces sorridentes parecia insultar a sua tristeza.

— Sigam, disse elle com uma voz aspera para os que levavam o caixão, como se tivesse um gosto immenso em esmagar aquelles bellos senhores e senhoras com os seus pés: mas os homens não se moveram. Então o conde deu um passo para diante, dizendo gravemente:

— Respeitem os mortos, amigos! Affastem-se e deixem passar o caixão.

Foi imediatamente obedecido, e o funeral seguiu por entre a turba, ostentosamente vestida, que abriu caminho reverentemente, as senhoras persignando-se, os homens tirando os chapéus. Quando o caixão passou ao lado da noiva, sentiu-se esta cheia de piedade ao ver a fôrma juvenil e immóvel debaixo da branca mortalha, e tirando uma haste de flôr de laranjeira do seu ramailete, pôlo o gentilmente em cima do caixão. O homem de luto viu esse acto, e a sua expressão asperrima amaciou-se um pouco; depois, tapando o rosto outra vez, rompeu em soluços.

Quem é este homem? perguntou o conde de Clairville.

— Não sei, meu senhor, respondeu o homem a quem elle se dirigira. E' de fôra. Veio para a estalagem há dias com sua irmã. Parecia ser muito amigo d'ella, e quando ella morreu, praguejou como um heroe e ergueu o punho para o céu. Esta manhã disse-lhe eu que era cedo para o enterramento, e que elle devia dar tempo a prior para mudar de estola depois da missa, mas elle não me quis dizer ouvidos.

O cortejo nupcial seguiu para diante e logo os alegres repiques da igreja se mudaram em dobles funerários, quando o caixão passou por baixo dos alegres enfeites florais do portal.

— Quem é aquela jovem senhora? perguntou o irmão de morta a um homem que encontrou.

— A noiva! E' a menina Yolanda de Clairville, responderam-lhe.



O ascensor de Santa Justa-Carmo

E o estranho murmurou brandamente:

— Que seja bem feliz!

E entrou na igreja.

II

Passaram vinte annos e começou o reinado do Terror. Na Vendée estava a guerra no seu auge quando a Convenção mandou um grande numero de suspeitos fossem encerrados no Entrepôrt, edifício proximo da cathedral de S. Pedro; homens, mulheres e creanças foram arranjadas, em mistura, para essa ante-câmara do Loire, e apesar das *sogadas* diárias, se o rio todos os dias se enchia de cadáveres, todos os dias a cadeia se atulhava de presos.

Numa grande sala baixa presidia o terrivel proconsul ao irrisório tribunal. Os presos eram divididos em dois grupos, os accusados e os condemnados; o primeiro grupo diminuia rapidamente, á



**Dr. Lourenço da Fonseca**  
Médico especialista em moléstias de olhos  
Família Lisboa a 5-7-902

medida que o último aumentava, e afinal Carrier resolviu precisar o processo dispensando todas as formalidades para dispor das vítimas.

Então ouviram-se repetidas vezes as fatais palavras: "Condenado à morte", a medida que os Realistas eram arrojados para a sala.

— Henrique de Kergouet chamou o escrivão, e um rapaz de cerca de dezoito anos de idade deixou os seus companheiros e avançou para o tribunal. Inclinou-se diante do juiz com tanto de embaraço e graça como se estivesse na corte em Versalhes, e pareceu inconsciente do facto de o estar esperando uma morte cruel.

— E' acusado de conspirar contra a república na pessoa do seu representante, disse Carrier; tomou parte n'uma conspiração contra a minha vida.

O rapaz voltou para quem faltaria uns olhos fracos e destemidos, e respondeu vagarosamente:

— Devo-lhe a morte de meu pae. Pago sempre as minhas dividas.

— Henrique! gritou uma voz de mulher com tom supplicante.

Carrier lançou em torno de si um olhar furioso, e Henrique de Kergouet foi arrastado para longe. Diante do juiz estavam agora duas mulheres, à mais velha das quais ele perguntou:

— E' mãe d'aquela rapaz?

— Sou, respondeu ela, e esta menina é sua irmã.

— Como se chama?

— Yolande de Clairville, marquesa de Kergouet.

O juiz olhou fixamente um minuto para a pessoa que assim falou, depois declarou a investigação acabada, e acrescentou brevemente:

— Condenados á morte todos tres.

Os sentenciados foram então levados outra vez para as suas prisões, e às nove horas da noite as execuções começaram. Atados a dois e dois, os desgraçados eram atirados para botes, arrastados para o rio, e mortos á espada ou á bayoneta, sendo os seus corpos atirados á água. Este método, contudo, não tardou a ser demasiadamente vagaroso para satisfazer Carrier, e fez com que centos das suas vítimas fossem levados a uma pedreira visinha e fuzilados.

A marquesa de Kergouet e os seus dois filhos estavam esperando em silêncio a sua sorte, quando o carcereiro entrou na sua cela e ordenou á filha que o seguisse.

— Para que nos separam? gritou a mãe.

— Ordeno do cidadão Carrier, respondeu o homem; nada de demoras!

Depois de um longo e lacrimoso abraço, a pobre menina deixou a sua mãe e seu irmão, e seguiu o carcereiro á presença do temido proconsul, que olhou para elas com seriedade, e, quando ficaram sós, perguntou vagarosamente:

— Como se chama?

— Yolande de Kergouet.

— Ama sua mãe?

— Oh! se amo! explícou a rapariga tremendo de terror.

— E seu irmão? O que faria para lhes salvar a vida?

— Daria alegremente a minha própria vida, gritou Yolanda com ardor.

— Não quero a sua vida, criança, mas quero o seu silêncio.

— Que edade tem?

— Dezeses anos, senhor.

— Então ainda não aprendeu a mentir. Oiga-me. Aqui está uma carta que eu lhe confio, com a condição de me prometer que não a abrirá antes da meia noite. Além disso não deve falar n'ella a ninguém. Tenho a sua promessa? Muito bem. Vá!

A assustada menina pegou na carta, meteu-a no seio e foi conduzida outra vez para a sua cela, mas antes de ter tempo de responder ás anciolas perguntas que sua mãe e seu irmão lhe dirigiram, apareceu um homem, com uma pistola na mão, que lhes fez signo que o seguissem e que os levou para fora da prisão. Então,

impondo-lhes o mais estrito silêncio deu o braço a Yolanda, enquanto Henrique de Kergouet amparava o tremulo corpo de sua mãe. Em poucos minutos chegou o pequeno grupo á margem do rio, depois de darem voltas pelas ruas escuras da cidade, e os realistas poderam verificar n'um relance que não estavam longe do ponto onde as execuções d'esse dia se tinham realizado. O seu guia deu um sinal, e apareceu de repente saindo da sombra um homem dentro de um bote.

— Entram! disse o barqueiro com voz baixa, e logo que se sentaram, remou para o meio da corrente.

— Coragem, irmãs! murmurou Henrique, apertando Yolanda ao coração, e depois esperaram todos serenamente que chegassem a sua ultima hora. Em poucos e breves momentos pareceu-lhes que viviam outra vez a sua vida toda, que sentiam de novo as alegrias e as tristezas de sua remota infância, assim como as suas recentes provações e sobressaltos.

De subito, viram á distancia o perfil de um navio vagamente desenhado no seu escuro, e aproximaram-se d'ele rapidamente, e, antes de se terem recuperado do seu espanto, acharam-se a bordo d'esse navio enquanto o seu ultimo conductor remava para a praia.

— Que significa isto? perguntou Henrique, depois de uma pausa de espanto.

— Significa que estão salvos, respondeu o capitão do navio.

— Salvos? Como? por quem?

— Isso é que eu não posso dizer, minha senhora. Tudo o que sei do caso é que há poucas horas recebi uma avultada quantia e ordenei de esperar aqui três passageiros que desejavam vir para Inglaterra. A ordem era acompanhada com um salvo-conduco assinado pelo proconsul Carrier. Em poucos dias, com bom vento, estaremos á vista da costa inglesa.

A pequena família, mal podendo acreditar o que ouvia, entreavam com maravilhoso deleite, e a marquesa de Kergouet murmurou, com uma prece de ação de graças:

— Quem será este nosso desconhecido amigo?

Então Yolanda de subito perguntou ao capitão que horas eram.

— Meia noite e meia hora em ponto respondeu elle, e a menina tirou precipitadamente a carta que recebeu, abriu-a, e leu a primeira linha:

“Mademoiselle Yolande de Clairville.

E' para si mamã, disse ella, entregando-a a sua mãe, mas a marquesa entregou-a a seu filho pedindo-lhe que a lessasse alto. Disse o seguinte:

— Ha vinte anos no dia do seu casamento, pox uma flor, minha senhora, uma flor do seu ramalhete de noiva no caixão de minha irmã. Tinha ella quando morreu deseses anos apenas.

Desejo pagar a minha dívida, e em troca d'essa flor dou-lhe tres vidas — Carrier.

ARTHUR D'OURLAC.



Uma vivenda no Rio de Janeiro

# União dos atiradores civis portugueses



UANDO se abriu, em Pedrouços, a carreira de tiro da guarnição de Lisboa, e se publicou o decreto autorizando a constituição de associações de tiro, todos acharam muito bom.

Todos, é modo de dizer, porque não faltaram piões aguentados sobre as desgraças que a pátria iria acarretar sobre si por fazer o que a Suíça fazia desde muito e as outras nações estavam fazendo; e o caso é que as vozes das cassadoras, se não chegaram precisamente ao céu, chegaram a altas

regiões, tendo sido mister alguma força de vontade e muita dedicação para dissipar o fumo dos terrores espalhados.

Mas, afora estes timoratos e a grande massa dos indiferentes, se alguns, para quem não era de todo estranha a prática do tiro, começaram a frequentar a carreira, o certo é que ninguém viu o sâncante e patriótico do novo estado de coisas.

Haver alguns atiradores babei, habilissimos era uma coisa muito bonita, mas educar grande massa de atiradores sofríveis, diffundir pelo país fôr o gosto ao tiro com armas de guerra, preparar a geração de amanhã para o que desse e viesse, foi problema em cuja solução ninguém pensou; e ao constituir-se as primeiras sociedades, pelo atractivo da novidade, mal se lhe pensando em disparar tiros de rhetórica em assembleias gerais do que em disparar tiros de polvora e bala na carreira, mal havia a preocupação de ostentar vistosas salas ornamentadas com troféus de armas do que de aperfeiçoar atiradores que, pela sua pericia, dessem nas vistas.

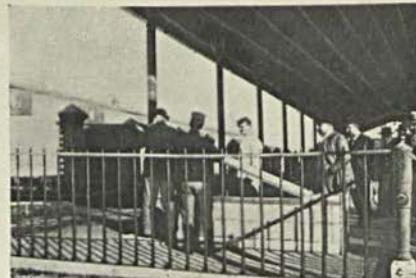
Assim se vegetava, um pouco á mercê do acaso, juntando labiosamente uns vintens de contribuição dos associados para pagar ao senhorio, à companhia das águas, à recebedoria dos impostos



Carreira de tiro em Lisboa — A entrada

de renda de casas e mais despesas absorventes, quando, por ocasião do centenario da Índia, e por iniciativa da Sociedade de Geografia, os membros influentes das associações se encontraram, para discutirem em commun; e o verem-se e amarem-se foi obra de um momento, segundo a consagrada phrase do romantismo.

Desse impulso do mutuo amor nascem a União dos atiradores civis portugueses, que, ensinada pelos erros das associações d'onde lhe vinha a origem, rasgou a si própria mais largos horizontes e enveredou pelo caminho pratico para chegar ao fim.

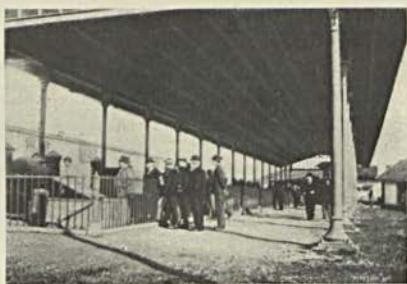


Carreira de tiro em Lisboa — A marquise



Carreira de tiro em Lisboa — Colocação de alvos

Ninguém suspeitava sequer que fosse exequível a propaganda do gosto do tiro; ninguém quereria ao menos acreditar que fosse licita a tentativa de chamar á educação na carreira as gerações de amanhã, os moços imberbes, que aprendem sciencias ou artes



Carreira de tiro em Lisboa — Linha de tiro

nos collegios ou escolas. Pois a União metteu homens á empreza e logo saír-se bem.

Hoje podem dizer que era facil tentar e realizar; não o diziam então. E a eterna historia do ovo de Colombo. O que ninguém diz, porque o não sabe, é a somma de dificuldades encontradas no caminho e a perseverança de cada dia e de cada hora para vencelas ou arredalas, na conquista paciente e persistente de sympathias e de affeções, na colheita, — prêmio da laboriosa sementeira e de sollicita cultura, — de aplausos e felicitações pelos resultados obtidos.

A União dos atiradores civis foi declarada associação patriótica, dando-se-lhe oficialmente sedé na carreira de tiro de Lisboa, e concedendo-se-lhe o porte gratuito da sua correspondência aberta por meio de estampilha especial; à União foi concedido o bonus de 50 por 100 para grupos de dez dos seus associados na Companhia real dos caminhos de ferro, nas das Beiras e em todas as linhas do estado; e por fim, quando já a sua acção não era duvidosa, nem os seus brios servidos discutíveis, ousou solicitar e alcançar de Sua Magestade El-Rei a honra insigne de ser seu presidente honorário.

Eis como nasceu, eis como se desenvolveu esta associação, cujo



Carreira de tiro em Lisboa — Caminho dos abrigos

bem-fadado título é de molde para sob a sua bandeira se acolherem todos quantos atiradores ha no país, todos quantos queiram incluir-se na teoria e na prática do tiro de guerra.

Leiria, Vizeu, Almeida, Chaves, Bragança, Coimbra, Espinho, Guarda e recentemente o Porto acorreram ao seu chamamento, e crearam filiais, ao mesmo passo que lá ao longe, n'essa África, onde se encerra o problema do nosso futuro, nasciam filiais da União em Loanda e em Benguela, e mais filiais teriam surgido já, se mais carreiras de tiro houvesse no continente e ilhas, se alguma por acaso existisse nas vastas possessões de além mar.

Ora, enquanto se realizava este milagre, porque no nosso país é um verdadeiro milagre este resultado da propaganda; da Escola



O sr. ministro da guerra acompanhado pelo sr. general da divisão e dr. Cunha Boêm, presidente da União

Polytechnica, do Real Gymnasio Club, da Escola Academica, da Escola Príncipe Real, do Colégio Nacional, da Escola Marques de Pombal, do Lycée de Lisboa, da Escola Príncipe da Beira, da escola normal, do Instituto Industrial, do Real Instituto, da Escola Rodrigues Sampaio, do Atheneu Commercial e de tantos outros estabelecimentos de ensino vinham alunos à carreira, preparando-se d'esta arte um prometedor alfôrde de bons atiradores para o dia de amanhã, que pode ser risonho ou temeroso. Segundo e não menos evidente milagre!

Quem, alguns anos antes, havia de acreditar sequer na possibilidade de virem atiradores de Bragança, de Chaves, de Almeida, da Guarda e de outras localidades de mais fácil acesso a Lisboa, para honrar e abrillantar as festas do tiro? Quem ousaria crer que senhoras concorrerem às carreiras a disputar glórias de perícia com o sexo forte?

Quem faz, quem fez, ainda este anno, toda a parte vistosa, atracente, comunicativa e por conseguinte propagandista do concurso de tiro?

E é útil? não é útil esta generalização da prática dos fogos de guerra? Tem ou não tem intuito patrióticos de largo alcance?

Se é útil, ninguém de boa fé poderá contestar a benemerência à União dos atiradores civis, que tanto tem conseguido; se é inútil, tem ella andado illudida no seu forçoso, e iludidos com ella os altos poderes, que tanto a

E tudo o saber atirar bem? Seguramente não; pois que o essencial é a disciplina e a prática da obediência; mas quanta vantagem ha em que o elemento militar, ao ocupar-se d'essa educação para fazer soldados, os encontre já aptos e habéis para se servirem da espingarda que lhes vai ser confiada; de mais que, nas carreiras, começam os atiradores civis a aprender o respeito e obediência, que formam a base da educação militar e são a mais sólida garantia da vitória.

Não! O trabalho da União não tem sido estéril, e poisa que ella tem sabido alliar o útil ao agradável e entrelaçar com a educação pratica as festas suggestivas, dê-se conta summaria do que foi a recente celebração do concurso de tiro dentro e fóra da carreira.

Tinha a União pelo seu programma, superiormente aprovado, o direito de promover uma festa de tiro exclusivamente sua;

mas, poisa que, pela primeira vez e muito auspiciosamente, os serviços de tiro estavam sob a suprema direcção do Ilustre general director geral de infantaria,

quiz, por muito espontânea vontade, desistir da sua festa privativa para melhor cooperar para o esplendor da festa nacional; e o Ilustre general dignou-se aceitar esta desinteressada collaboração, que se traduziu na inscrição de cerca de metade dos atiradores, excluídos os militares, na oferta de numerosos prémios, adquiridos uns a expensas próprias, outros por solicitação d'adiva de muitas e importantes associações, no chamamento dos atiradores de quasi todas as filiais do continente, na concorrência de numerosos alunos,



Carreira de tiro em Viseu



Silvano Fábio Pombal

escoço da rainha  
3º premiado da 1ª parte. Premio da Direcção Geral de Infantaria



Wenceslau Pedro Far

ALHEIRO DA UNIÃO  
1º classificado da 2ª parte  
Prémio de S. M. a Rainha

têm festejado e acariciado.

Mas, se diga-se a verdade, — não serve de muita maneira ao exerceito e conseguentemente

que, em cortejojo e prece-  
didos de uma banda de musica,  
entraram no car-  
reiro, sem falar  
na sessão sole-  
mne, realizada

sala nobre dos paços do concelho, por generosa e nunca esquecida final do Ilustre presidente da comissão administrativa do mu-

te á pátria esta preliminar preparação das camadas, que há de ser um dia chamadas a servir nas fileiras ou incorporadas nas re-  
servas?

que, em cortejojo e prece-  
didos de uma banda de musica,  
entraram no car-  
reiro, sem falar  
na sessão sole-  
mne, realizada

sala nobre dos paços do concelho, por generosa e nunca esquecida final do Ilustre presidente da comissão administrativa do mu-



José Victor d'Oliveira

NOCHES DA 6ª FILIAL DA UNIÃO, EM ESTREITO  
2º premiado da 2ª parte  
Premio do Ministério do Reino



José de M. Carcela

SOCIO DA UNIÃO

2.º premio da 1.ª parte  
Premio do Ministério da Guerra

Carreira de tiro em Leiria — Vista geral

Mas como os dias marcados para o concurso oficial eram o 22 e 24 de junho, ficava intercalada uma noite, em que era preciso entreter de alguma maneira os dedicados atiradores que de longe terras tinham accorrido à festa.

Foi então que se pensou na recita no theatro de D. Maria, não se podendo realizar a tentativa anteriormente iniciada de a levar a effeito no amplissímo Colisen.

As companhias theatrais, finda a época, tinham levantado vôo para além mar, ou para as províncias, e perdida a ultima esperança de que o theatro de D. Maria podesse dar *Os Romanescos*, foi preciso



Carreira de tiro em Leiria — Em logo

organizar todo o espectáculo, vencendo-se dificuldades imprevistas pela conquista de inóvidaveis favores.

O ilustre general comandante da 1.ª divisão militar permitiu que no palco toccasse, ao abrigo e fechado do espectáculo, a banda do batalhão n.º 2 de caçadores da Brilhia; o inatigável director do Real Instituto cedera o seu príncipe orpheon, habilmente dirigido pelo insigne maestro Ribeiro; o distinto violinista Cardona tocou magistralmente um solo; a família das gentis meninas Gaspar da Silva permitiu que estas tres prometedoras creanças com a coadjuvação de alguns distintos amadores, representassem encantadoramente a encantadora peça de Scribe *Um casamento infantil*; o grande mestre d'armas, Antônio Martins apresentou n'um assalto

Na disputa do premio de Sua Magestade El-rei, a não ser um distinto oficial do exercito, atirador de pericia consumada, que o alcançou, teria elle pertencido a um socio da União; na prova geral, foi o segundo classificado um seu atirador; e dos dezoito premios destinados á primeira parte do concurso alcançou ella seis, com a esplendida circunstância de se incluarem nestes premiados dois atiradores que, ainda no anno anterior, eram alunos.

A segunda e terceira partes, respectivamente destinadas aos atiradores das filiais e aos alunos do corrente anno, deram honrosíssimos resultados, provando que a aptidão para o tiro ao alvo crescia e se desenvolvia sob o influxo da União.

de sabre, briosa-mente sustentado dois dos seus mais valentes discípulos Carlos Gonçalves e Cesar de Mello; Carlos Calixto, da redacção do *Tiro Civil*, di- gnon-se ler uns versos meus, dando-lhes vida com a sua entusiasmática dicção; e d'entre o elemento artístico conquistou-se a efficaz e valiosa coadjuvação da gentil e talentosa cantora Mercedes Biasco e dos dois distintos actores Valle e Mello.

Que dizer d'essa recita encantadora, em que o theatro estava adornado de gentilissimas e illustres damas e de distintos escavadores?

Que a primorosa execução do orpheon deixou todos encantados? que o solo de violino foi um primor? que ...?

Mas está a chamar-me especialmente a attenção esse grupo de tres creanças, saídas ha pouco de uma grave doença e que pela primeira vez se apresentavam n'um grande theatro e perante um publico numeroso e selecto.

A mais velha é o typo ideal da ingenua dramatica; de gentil presença, de notavel belleza, de boa expressão



Berta e Dionisia Gaspar e Síra

na comédia de Scribe — *Um casamento infantil*  
representada no sarau da União  
no theatro de D. Maria em 6 de janho



A actriz Mercedes Biasco

que tomou parte no sarau da União dos atiradores

physionomica, de voz insinuante e meiga, está alli o germe de uma artista; a do meio, a mais combalida pela enfermidade, fazendo um delicioso *travesti*, foi encantadora de naturalidade e de distinção; mas, superior ás suas irmãs, a mais nova, uma menina de fatinhos curtos, foi um enlevo de olhos e de ouvidos, pelo seu desembaraço pela inteligente intenção no dizer, pela perspicacia no escutar, pela gravidade e inteligência com que interpretou todo o seu papel; e quando, com a sua irmã que fazia o papel de noivo, dançaram o minuete, foi um delírio de aplausos justificadissimos, porque raras vezes se verá no palco tão correcto e feliz desempenho.

Pra este resultado, se muito concorreu o seu distinto ensaador, de notável maneira cooperou, em ensaios de apuro, o mestre da arte de representar, Augusto de Melo, que, sobre dizer dois mologos, como só elle os sabe dizer, levou a sua descendencia a completar magistralmente os ensaios da fina comediasinha.

Valle, o ídolo das plateas, o estimulo da alacridade, o criador de tantos deliciosos papéis, foi inimitável no dizer de uma scena comicá das muitas do seu vasto repertorio; e finalmente, para que



Carreira de tiro em Lisboa — Na marquise

se feche este breve registo com chave de ouro, ha a fazer menção da encantadora voz de Mercedes, uma das nossas mais intelligentes actrizes, uma das cantoras mais apreciaveis, que sobre os primores de dizer, sublinhando graciosamente a canção, tem o mérito de pronunciar irreprehensivelmente o francêz, tão bem como o portuguez. E' uma actriz de alto merecimento no seu genero e sel-o-la em qualquer outro, se o quizesse tentar.



Carreira de tiro em Lisboa — Na marquise

E agora depois de mencionar esta festa celebre, para que falar dos brindes entusiasticos, trocados na cantina, que na carreira estabeleceu a União, com profuso serviço da casa Ferrari, ou dos discursos da sessão solene da camara municipal?

O concurso de tiro acabou, terminaram as festas por este anno, e parece que a União, entre os effluvios de gratidão por todos quantos lhe têm dado provas eloquentes de sympathia, pode reconhecer e confessar sem vaidade que, se muito se tem feito para o desenvolvimento e progresso do tiro civil, ella tambem tem cooperado, modesta mas devotadamente, n'este intento, que por toda a parte se está proclamando como patriótico.

Compensar-lhes-ia este aplauso da consciencia os muitos trabalhos e não poucos dissabores que têm tido, se elles não estivessem já largamente recompensados pelo generoso favor e estima de Sua Magestade El-rei e de todos os altos poderes do estado.

A. M. DA CUNHA BELLEM.

## AO RECEBER

### IN ILLO TEMPORE<sup>(1)</sup>

(NA VOLTA DO CORREIO)

Não é livro — é só aberto!  
Que queres tu, em verdade,  
Que eu diga d'elle, Trindade,  
Que tu não saibas ao certo?

Torno agora a vêr de perto  
— No teu livro — uma outra edade  
Que eu recordo com saudade  
— Sonho de que hoje desperto!

Com que amor e com que empenho  
Tu fazes voltar á vida  
A mocidade perdida!

Se até no proprio retrato, (1)  
Em que os meus olhos detenho,  
Tão perfeito, tão exacto,

— Como tudo alli revive! —  
Vejo o cabello que tive  
Sem vêr as rugas que tenho!

ALFREDO DA CUNHA.

*Desenho, no aniversário da entrada das tropas libertadoras em Lisboa — 1962.*

(1) Retrato do «quintanista» Alfredo da Cunha, pag. 98 do *In illo tempore*.

(a) N. da R.

No mundo literario e no mercado de livraria tem tido um extraordinario sucesso o ultimo livro, sob todos os pontos de vista interessante, de Trindade Coelho. A elle nos referiremos largamente no n.º 86 da Revista, no publicarmos um exerto do *In illo tempore*, acompanhado de ilustrações. Só então podermos accrescer o valor da forma de trabalho literario, em que o autor conseguiu representar-nos a tradicional vida universitaria de Coimbra com todos os seus encantos e com todas as suas originalidades.

A edição, feita na casa Allard, de Paris, é um primer de arte.

A Trindade Coelho um aperto de mão pela gentil offerta do seu precioso volume.



TEMPOS FELIZES

# Proverbios

## ilustrados



NEM TUDO QUE LUZ É OURO



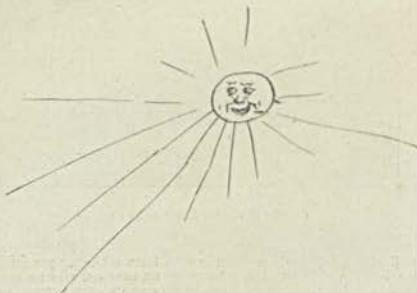
DE GRÃO EM GRÃO ENCHE A GALLINHA O PAPÓ



A OCCASIÓN FAZ O LADRÃO



QUEM A BOA ÁRVORE SE CHEGA BOA SOMBRA O COBRE



Lag

# BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora  
Largo do Conde Barão, 50Páginas supplementares: Off.º Estevão Nunes & F.º  
Rua d'Assumpção, 18 a 24

## REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayne Vicos, Loris Tavares

Editor — Luiz Antônio Sanches

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 125

End. telegráfico — BRATUGAL — LISBOA

### ASSIGNATURAS

#### ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.

Anno ..... | Moeda brasileira ..... | 36.000  
Número avulso ..... | ..... | 2.000

#### PORTUGAL, ILHAS, E ÁFRICA

Anno ..... | ..... | 52.000  
6 meses ..... | ..... | 22.000  
3 meses ..... | ..... | 12.000  
Número avulso ..... | ..... | 3.000

#### ESTRANGEIRO

Anno ..... | ..... | 72.000  
Número ..... | ..... | 42.000  
Número avulso ..... | ..... | 3.000

### SUMMARIO

#### TEXTO

Lm Pelotas.  
Política Internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.  
As pinturas da Biblioteca d'Evora — GABRIEL PEREIRA.Tres tipos históricos (ao Barbichas) CAIEL.  
Aos boers — Guedes Teixeira,

As nossas gravuras.

Pensamentos.

Chronica — JOÃO COSTA.

Uma régula preparatoria — Real Club Naval de Lisboa.

Por uma flor — ARTHUR D'OURLAC.

Melhoramentos de Lisboa — O ascensor de Santa Justa, Carmo.

D. Lourenço da Fonseca.

Uma vivenda no Rio de Janeiro.

União dos Atradores Civis Portugueses — A. M. DA CUNHA BELLEM.

Ao receber in illo Tempore — ALFREDO DA CUNHA.

Tempos felizes.

Provérbio ilustrado — LOZ.

#### 42 ILLUSTRACOES

#### PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.

Representantes do «Brasil-Portugal».

Bom conselho.

Bibliographia — JOÃO COSTA.

O nosso almanach.

Nossa Senhora das Dóres — THIAGO SIBBALDI.

Correspondência — QUELMANE.

A tortura pela esperança — L'ÍSLE ADAM.

#### ANUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto

Vilar d'Allen — Vinhos — Rio de Janeiro.

Grand Hotel Metropole — Rio de Janeiro.

Casa Baquel — Porto.

Matson Nouvelle — Lisboa.

Novo Hotel do Quarau — Santos.

Escola Académica — Lisboa.

Almeida &amp; Serpa Pinto — Porto.

J. Nunes Corrêa &amp; C. — Lisboa.

Vado.

Companhia Geral do Crédito Predial — Lisboa.

Cimento Portland — São Paulo.

Chapelaaria da Moda — Lisboa.

Vinhos Velhos Legítimos do Porto. — Porto.  
Aguas de Carababa — Lisboa.  
César A. Pina, dentista — Lisboa.  
Gabinete Hidroterápico — Lisboa.  
London & Paris — Lisboa.  
João Ferreira — Porto.  
La Union y El Fénix Español — Lisboa.  
Almanach ilustrado Brasil Portugal, para 1903. — Lisboa.  
Atelier d'Alfaiate A. Couto — Lisboa.  
Ao Banco Universal — São Paulo.  
Companhia Mechanica e Im. sortadora — São Paulo C. P. Viana & C. — São Paulo.  
Loja do Japão — São Paulo.  
Agencia Financeira de Portugal — Rio de Janeiro  
Dr. Alberto Flávio,

#### NA CAPA

Garantia da amazônia. — Pará.  
Brasil-Portugal.  
Notre Dame de Paris. — Rio de Janeiro.

### OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

#### No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Henrique Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua da Alfândega, 4, sobrado.

PELAMARCO — A. Leopoldo da Silveira — Rua Príncipe de Maranhão, 14.

PARA — J. B. dos Santos — Livraria Clássica — Rua João Alfredo, 50.

MANAOS — Tayres &amp; Camara — Livraria Clássica — Praça General Moura.

MARANHÃO — Leônido J. de Medeiros &amp; C.º

CEARA — A. Ferreira — Praça José Alencar, 30.

BAIRRA — José Gomes Magalhães (Livraria Magalhães) — Praça da Liberdade, 25.

PELOTAZ — Carlos Pinto &amp; C.º (Livraria Americana).

PORTO ALEGRE — Carlos Pinto &amp; C.º (Livraria Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto &amp; C.º (Livraria Americana) — Rua Marechal Floriano, 100.

#### Em África

MOÇAMBIQUE — Juiz Augusto Pinto de Carvalho

MONTEVIDEO — Dr. Augusto Pinto de Assumpção.

QUEIMANA — Henrique Jorge de S. Neves.

MENGUELLA — Matheus &amp; Tavares.

LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Loreto.

S. THOME — L. A. B. Alves Mendes

#### Na Índia

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso

Francesa — Rua Afonso de Albuquerque.

### No Continente

PORTO — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bensa,

240 — Agente geral em Funchal e no Sul Luis Freire Correia, Rua de Moniz, 27.

BRAGA — J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA — Gama, Amaral &amp; Com.º

COMBRA — Joaquim Kubro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.

LAVRADO — J. COCO — Praça da República, 10.

BRANTES — António Augusto Salgueiro.

ELVAS — José António dos Santos Sobrinho.

COELHOS — José Narciso da Costa.

PODELA — Dr. José da Cunha Guerra Conde

LEIRIA — Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOZ — António Marques de Oliveira

VILA DO CONDE — Dr. António D. Domingues.

CORUCHA — José Pereira Cabral.

TAVIRA — José Maria dos Santos.

FARO — Maya &amp; Trigo.

### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clivichy, 15.

### REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o BRASIL-PORTUGAL os sras.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.

Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.

Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguara, n.º 1), em CAMPOS.

Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.

A. Viana Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andrezen) — MANAOS.

### Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!

— Que queres? Loucuras... excessos... o diabol...

— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, combas cōres. E tens tão fransino!

— Coissas, meu velho. Faz como eu. Toma o Chocolate Brasil, que se fabrica no Molhão de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Proveem os preciosos vinhos  
de Adriano Ramos Pinto

## BIBLIOGRAPHIA

O primeiro lugar às visitas. Por isso tratemos de uma nova revista em espanhol que acabamos de receber de Madrid e intitulada *Revista Ibérica*.

Iberica, por certo, apenas no título e nas assinaturas da sua colaboração, porque logo neste número lá vamos encontrar um artigo de Guerra Junqueiro, traduzido em espanhol, *El Cañidor*, que termina com esta decima dogrante poeta.

Nunca fui mal preceido.  
Nunca fiz mal a ninguém.  
Se acuso fiz algum bem,  
Não estou d'esse arrependido.  
Se mao pago tenho tido,  
São defeitos pessos;  
Todos seremos egues  
No reino da eternidade;  
Na balança da igualdade  
Deus sabe quem pesa mais.

A nova revista na parte artística é um pouco arte nova, mas tem pequeninas silhouettes e, ilustrando os artigos, figurações de uma grande correção de desenho, no que a Hispania está sendo realmente bella. Este numero fecha com um bello artigo de Edmundo Amicis sobre o grande dramaturgo italiano Gabriel d'Annunzio, agora tanto em moda.

*Deixando a Patria* é um pequeno livro de 60 páginas, com versos do sr. Alcântara Carreira, editado pelos srs. Lopes & C.º do Porto. Na capa, ha uma pequena ilustração representando um sujeito de grande cabellera e barba à guise, muito preta, e fato também muito preto, à prova de um pequeno bote cujos remos descansam em cima dos bancos. A figura está de braços cruzados, não sabemos se à espera do barqueiro.

Em duas partes se divide o livrinho, a 1.º Edificando; a 2.º Lyrismo, e fecha com esta despedida saudosa à patria:

## AO PARTIR

Adeus patria adoradai adeus terra natal,  
Coimbra onde a brincar a infância percorri!  
Adeus Mondego! Adeus Castel Branco fatal  
Onde mãe e onde pai, brutalmente, perdi!

Adeus Lisboa, adeus ó linda capital,  
Ah! como eu pude ser feliz dentro de ti!  
Adeus Porto cruel, crê não te quero mal,  
Terra em que tanto amei e em que tanto sofrí!

Quanto afecto e amizade! e não vejo ao apartir  
Um lenço que me acene, ou lagrima a cahir,  
E a alma levo immersa em saudade e em tristia...

O' estrelas do ceu, pedras das ruas, vós,  
Que de noite fitava é interrogava a sós.  
Se eu voltar podereis reconhecer-me um dia?

Agora no Rio de Janeiro está-se publicando um semanário humorístico *Tigarella*, dirigido pelo sr. Peres Junior com desenhos de vários artistas e entre elles Calixto, Raul e Falstaff.

Em quatro numeros que temos presentes, vimos encontrar algumas caricaturas felizes como por exemplo sob o título de *Chico de Campinas*, o futuro presidente da república, bastante parecida, com este distico: — Esta por pouco a minha vénre no Casino político. Ha ainda aqui e ali, n'essas páginas humorísticas, desenhos graciosos sobre a vida e costumes brasileiros.

Da revista dirigida pelo sr. Marques Pereira, *Ts-si-yang-Kuo*, essa curiosa coordenação de interessantes documentos e artigos sobre o extremo-oriental português, temos já o 2.º numero do 3.º volume, dando em papel couchet curiosíssimas gravuras da vista geral de Diu, da gruta de Camões em Macau, do falso simile dos *Lusíadas*, do morgado de Matheus, representando o poeta, de pé, na gruta, para não mencionarmos muitas outras que ilustram os artigos firmados por nomes científicos e ilustrados de primeira plana. Ha entre elles um artigo de Sousa Viterbo, deveras curioso sobre a arte indo-portuguesa e especialmente sobre fundição de artilharia.

E ilustrado por Roque Gameiro e Celso Her-

minio recebemos também os primeiros fascículos da *Guerra anglo-boer*, escrita por um funcionário da Cruz Vermelha e editado pelo *Diário de Notícias* na sua biblioteca tão popular e barata.

E até à primeira quinzena, porque do livro que tem sido estes últimos dias o acontecimento da livraria, em Lisboa, o In illo tempore do dr. Trindade Coelho, um magistrado doublé de um delicioso contista, se ocupará o Brasil-Portugal em outro lugar.

João COSTA.

## O NOSSO ALMANACH

Está já à venda em Portugal e no Brasil o *Almanach Ilustrado do Brasil Portugal*, para 1903, com uma capa a cores, desenho do grande pintor Ramalho. Impresso em papel forte, abrindo com um *Julio do anno*, de Alfredo de Mesquita, ilustrado pelo lapic humorístico de Celso Hermínio, e ao longo das suas 128 páginas, não contando com as da secção dos anúncios que é variadíssima, pela série enorme de estabelecimentos brasileiros e portugueses que n'ella figuram, encontram-se umas 200 photogravuras nitidamente feitas nas oficinas de Pires Marinho & C.º

acompanhando o calendário de 1903, dão cada mês uma serie de receitas agrícolas para pomar, horta e jardim. Publica uma centena de adições, logótipos, enigmas ilustrados, charadas, bilhetes postais, oferecendo á primeira pessoa que enviar a decifração de todos elles, um volume encadernado do 4.º anno do *Brasil-Portugal*; inseri vistos lindos do Brasil e de Portugal, de costumes, retratos de actrizes de Portugal, contos mudos, pequenas vinhetas, caricaturas, e uma esplendida pagina firmada pelo grande artista Raphael Bordalo Pinheiro, representando os primeiros interpretes do drama de Pinheiro Chagas *A Morgadinha de Valflor*, interpretes da maioria hoje já falecidos mas que foram dos mais brilhantes mestres na nossa arte dramática.

A colaboração variadíssima e escolhida tanto na parte literária como na artística, inseri artigos e versos de Urbano de Castro, D. João da Cunha

# VINHOS

# VILLAR D'ALLEN

## CHAMPAGNE

## VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

**AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.º**

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

## GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pitoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



mara, João Penha, Camillo, Guerra Junqueiro, Moura Cabral, Gomes de Amorim, Pinto de Carvalho (Tinop), Souza Bastos, Alberto Brâmo, Sérgio de Castro, Fernando Leal, Gervasio Lobo, Conde de Armoso, Camões, Ramalho Ortigão, Guilherme Gama, Garrett, Barão de Rousado, João de Deus, Quental, Balthão Pato, Joaquim de Araújo, Alberto Braga, Pinheiro Chagas, Conde de Monsaraz, além de grande número de poetas e escritores estrangeiros. O *Almanach Ilustrado do Brasil-Portugal*, para 1903 constitui: uma leitura ligeira, agradável e útil. Dá também o calendário para 1904 que é anno bissexto.

## NOSSA SENHORA DAS DORES

*Attende et vide si est dolor sicut dolor meus.*

JEREM. C. L.

Almas cheias de ternura  
Que sabéis que coisa é pranto,  
Que no lucto e na amargura  
Encontrais mystico encanto,  
Vede a pena que se encerra  
No meu peito, e se há na terra  
Dôr igual à minha dor.

Não digas que sou Rainha,  
A bellissima entre as bellas,  
Não digas que a fronte minha  
É cercada das estrelas,  
Nem que o sol toda me veste  
D'uma purpura celeste  
De sorriso e d'espíndor,

Uma espada de tristeza  
Traspassou meu coração;  
Este sol é sem beleza,  
Esta luz é sem clarão,  
E as estrelas só sêm brilho  
Para mim. Perdi meu filho!  
Más... ah! Mái eu já não sou.

O meu filho!... era meu Deus,  
Minha força n'esta vida,  
Era a luz dos olhos meus,  
Era o sol da minha vid'z;  
Perdi tudo; só me resta  
A lembrança tão funesta  
Da alegria que passou.

Ali vão longe os saudosos  
Doces dias de Belém,  
Quando nos olhos formosos  
Me revia do meu bem;  
Eclipsav-se tanto riso,  
Tanta luz de Paraíso,  
Tanta graça, tanto amor.

Almas cheias de ternura  
Que sabéis que coisa é pranto,  
Que no lucto e na amargura  
Encontrais mystico encanto,  
Veda a pena que se encerra  
No meu peito, e se há na terra  
Dôr igual à minha dor.

THIAGO SIRBALDE.

N. B.—Este poeta é um ilustre sacerdote italiano que em 1888 estava em Coimbra, havia pouco tempo, versando e escrevendo já primorosamente o português.

## CORRESPONDENCIAS

Quelime, 20-6-902.

A chegada do laureado oficial da Armada Real João Azevedo Coutinho tão animosamente esperado pelos numerosos amigos que aqui conta e pela população de Quelime que de há muito se habitou a admirar e apreciar devidamente as grandes qualidades que o dotam, foi, senão um desírio, pelo menos um entusiasmo desusado para que todos concorram espontaneamente com uma alegria tão manifesta e sincera que bem demonstra quanto dignamento é aqui querido e admirado por todos.

O ilustre governador e valente oficial, o herói de Maganha da Costa e que sem dúvida o verá também o Barão felicitamos intimamente e nos seus numerosos amigos.

Faleceu vítima d'uma bilhosa, pelas 5 horas da manhã, o sr. Antônio Joaquim de Mattos Consigliere sendo sepultado no cemiterio da Saudade no dia seguinte pelas 7 horas da manhã.

Foi acompanhado á sua ultima morada pelos seus numerosos amigos que em grande numero difficilmente conseguiam occultar a sua consternação.

A sua illustre familia os nossos pesames.

A Comissão Municipal fez correr uma circular pelos habitantes convidando-os a comparecer na sessão de amanhã pelas 10 horas da manhã na sala das sessões afim de ser tratada a abertura do Quenqua ligando o Zambese com o Rio dos Bons Sinais.

Este facto tem ocasionado grande sensação entre os proprietários e comerciantes d'esta villa que segundo consta estão prompts a concorrer com importantes quantias.

Passageiros do vapor «Reichstag»  
para Quelime

De Lisboa — José Francisco de Passos, Domingos O. da Silva, Luiz Telles da Gama, António Pereira Pombo, João Pinto, Joaquim Francisco, Agríppino Garcia, Joaquim P. Secra, N. da Costa Santos.

De Quelime para Lisboa — José Mayer Guerreiro, Caldeira Ribeiro.

Para Moçambique — D. Maria J. Dias e filha, Cipriano J. Encarnação e Sousa e esposa, José Luiz de Lima Junior.

Para o Chinde — A. Proença Fortes, M. Teixeira de Mattos.

## A tortura pela esperança

Nos subterrâneos da Oficial de Saragossa, no declinar d'um dia de outrora, o venerável Pedro Arribue d'Espila, sexto superior dos dominicanos de Segovia, terceiro Grande Inquisidor de Espanha — seguido por um frade redemptor (carasco em chefe) e precedido por dois familiares do Santo Ofício, que levavam lanternas, desceu a uma escuridão assombrosa. Rangeram os gonzos d'uma escuta missa e n'um nefítio impasse, onde a claridade d' sofrimento que vinha de cima deixava apercibir ante annos pregados ás paredes, um poio enterrado pelo sangue, um fogueiro, uma bilha. Em cima d'um enxergão de palha, e seguro por cadeias, com a goliá de ferro ao pescoco, estava sentado, com aspecto desvalido, um homem esfarapado, de edade já indistinta.

Era este encarcerado o rabbi Aser Abarbanel, judeu aragonês, que, —acusado de usura e de implicações desleais pelos pobres—, era, havia mais d'um anno, quotidianamente submetido a tortura. Comtudo, —por ser a sua cegueira tão dura como a sua pellé, recusava-se a abjurá.

Foi pois com os olhos lavados em lagrimas, pensando que aquela alma tão ferida fugia á salvação, que o venerável Pedro Arribue d'Espila, aproximando-se do tremulo rabino, pronunciou as seguintes palavras:

— Alegre-se meu filho; os seus sofrimentos n'este mundo vão acabar. Se, em presença de tanta persistência, eu tire que cons-me, —gemiendo, em que se empregavam tantos rigores, os meus encargos de fraternal correção tece os teus limites. O meu filho é a temiosa figura que, tantas vezes achada sem fruto, vae em breve seccar, —mas só Deus pode dispor da sua alma. Talvez á infinita Clemência tua sobre o meu pobre filho no supremo instante. Assim o devemos esperar!

Ha exemplos... —Descanse, pois esta noite. Amanhã fará parte do auto de fé quer isto dizer que será exposto ao quemadouro, foguete percursor da chama eterna: não quemá, como sabe, senão a stâncie; e a morte demora-se, pelo menos, duas horas (muitas vezes três) a vir por causa dos pannos molhados e gelados com que temos o cuidado de preservar a fronte e o coração dos holocaustos. Apenas terá quarenta e dois companheiros. Lembre-se de que, colocado na ultima fila, é tempo necessário para invocar Deus, para lhe oferecer aquele baptismo de fogo que vem do Espírito-Santo. Espera p' o domínio.

Depois d'este discurso, Don Arribue tendo mandado com um signal tirar os ferros ao desgraçado, abraçou-o com ternura. Depois chegou á vez do frade redemptor, que, em voz baixa, pediu ao judeu que lhe perdoasse que o elle tinha feito soffrir para o redimir; depois abraçaram-n'os os dois familiares, cujo banho, debaixo dos capuzes, foi silencioso. Terminada a cerimônia

não, deixaram o captivo, só e alucinado, nas trevas.

Aser Abarbanel, com a boceja secca, o rosto contraiido pelo sofrimento, olhou primeiramente para a porta fechada, —Fechada? Esta palavra, despertava, nos seus confusos pensamentos, uma esperança secreta. E' que entrevia, durante um momento, a luz das lanternas entre uma femeia da porta. Fei o estremecer uma moribunda idéia d'esperança, devido ao enfraquecimento do seu cerebro.

Arrastou-se para a insolita coissa entrevista! E, muito devagar, mettendo um dedo, com demoras precauções, na fenda, puxou a porta para si... O' espanto! por um acaso extraordinario, o familiar que a fechára dera a volta a chave um pouco antes da porta bater nas humbreiras de pedras! De forma que, não tendo a lingueta entrado no s' u lugar, a porta ficara aberta.

O rabbino arriscou um olhar para fóra.

Devido a uma especie de livida obscuridão, distinguiu, ao principio, um semi-círculo de muros terreros, cortados por espiras de degraus; —e, dominando, em frente d'elle, cinco ou seis degraus de pedra, uma especie de portico negro, dando para um vasto corredor do qual não era possivel ver, de baixo, senão os primeiros arcos.

Rastejando, subiu ao nível d'aquele portico. Sim, era efectivamente um corredor, mas d'um comprimento extenso! Iluminava-o uma claridade alvacento, uma luar triste; lampadas, suspensas das abobadas, azulavam, de vez em quando, a cor embaciada do ar— o fundo longíquo só era sombra. Nem uma porta, lateralmente, n'aquela extensão! Só d'um lado, á sua esquerda, uns respiradouros, de grades entrecruzadas, nos recantos das paredes, deixavam passar um crepusculo —que devia ser o da tarde, por causa dos riscos avermelhados que cortavam, de distancia a distancia, o lagedo. E que terror!... silêncio!... Comtudo, lá ao fundo, no mais fundo d'aquelas trevas, podia uma sahida dar liberdade! A vacilante esperança do judeu era tensa, porque era a ultima.

Sem hesitar p'ois, arriscou-se no corredor, costeando parede a parede, respiradouros, estorçando-se por se confundir com a temebrosa cor dos longos muros. Avançava lentamente, arrastando-s' o peito— sofocando os gritos quando uma ferida, recentemente aberta, o torturava.

De subito, chegou at' elle no echo d'aquella alca de pedra o ruído d'uma sandalia que se approximava. Sacudiu-o um tremor, suffocava a a incideade; obscureceu-se-lhe a vista. Tudo acabaria, nem uma esperança! Encolheu-se, sem respirar, n'um recanto, e, meio morto, estremeceu.

Era um familiar que vinha depressa. Passou rapidamente como um arranca-musculos na mão, o capuz caíndo, ferrivel, e desapareceu. O terror, que estrangulava o rabbino, como que lhe suspendera as funções da vida, e o judeu, ficou, quasi uma hora, sem poder fazer um movimento. Com o medo d'um augmento de tormentos se fosse surpreendido, veio-lho a idéia de voltar para a sua mamarria. Mas a velha esperança segregava-lhe, na alma, aquelle divino *Talvez*, que reconfonta no meio das maiores dôres?

Fizera-se um milagre! Não podia já duvidar! Contudo, pois a raijar para a evasão possivel.

Extemido pelo sofrimento e pela fome, tremendo d'angústia, avançava! —E aquelle sepulchrual corredor parecia prolongar-se misteriosamente! E' elle, sem deixar de avançar, via sempre aquella sombra, lá no fundo, onde devia estar uma sahida salvadora?

— Oh! oh! Eis que de novo soaram uns poucos de passos, mas, d'esta vez, mais lentos e mais sombrios.

As formas brancas e negras, com os longos chapéus de abas enroladas, d'os dois inquisidores, apareceram-lhe, sahindo da sombra, lá do fundo. Conversavam em voz baixa e pareciam discutir um ponto importante, porque agitavam muito os braços.

Ao vés-ós, Aser Abarbanel fechou os olhos: o seu coração bateu a ponto de o sufocar; os seus farapos foram molhados por um surto de agonia, ficou estendido, immóvel, ao longo da parede, sob os lampões d'uma lâmpada, implorando o Deus de David.

Chegados ao pé d'elle, os dois inquisidores pararam, sob a luz tibia do lampião, —isto por um acaso sem dúvida proveniente da sua discussão.

Um d'elles escutando o seu interlocutor, olhou para o «zócio! Desfalecendo, sem poder respirar, com as palpebras tremulas, o desgraçado sentia calafrios, sob aquelle olhar de que não comprehendia a expressão distraída. Mais, coisa estranha e natural ao mesmo tempo, os olhos do inquisidor eram evidentemente, os d'um homem profundamente preocupado com o que vae responder, absorto pela ideia do que escuta, eram fixos — e pareciam olhar para o judeu *sem ver!*

Efectivamente, ao cabo d'alguns minutos, os dois sinistros vultos continuaram o seu caminho, a passos lentos, e sempre conversando em voz baixa; não o tinham visto! Na horrível desordem das suas sensações, o captivo teve o cerebro atravessado por esta idéa: «Estarei eu já morto para não me vêrem?»

Avante! Tinha que se apressar para o fim que elle julgava, na sua louca esperança, ser a liberdade! para aquellas sombras, de que já não distava mais do que uns trinta passos pouco mais ou menos. Continuou pois mais depressa, nos joelhos, nas mãos, no ventre, o seu caminho doloroso; em breve entrou na parte obscura d'aquelle terrível corredor.

De repente, o miserável sentiu nas mãos uma impressão de frio; provinha ella d'un violento

sopro d'ar, que passava por debaixo d'uma pequena porta, onde as duas paredes iam ter. — Ah! Deus! se aquella porta désse para a liberdade! Todo o ser do tritudo o judeu teve como que uma vertigem d'esperança! Examinava-a de cima até baixo, sem poder distinguir-a bem, por causa das trevas que o cercavam. — Apalpava-a: nem ferrolhos! nem fechadura. — Um fecho! Pôz-se de pé: o fecho cede sob os seus dedos; a silenciosa porta girou entre os gonzos.

«... Alleluia!...» murmurou, n'um immenso suspiro, d'accão de graças o rabbinio, agora de pé no limiar, ao ver o que lhe aparecia.

A porta dava para uns jardins, sob uma noite estrellada! via a primavera, a liberdade, a vida! Dos jardins passava-se para o campo proximo, prolongando-se para as serras de cujas sinuosas linhas azuladas elle via o perfil no horizonte; — ali estava a salvação! — O desgraçado respirava o bom ar sagrado; o vento reanimava-o, os seus pulmões resuscitavam! Ouvia, no seu coração dilatado, o *Veniforas de Lazar!* E, para abençoar ainda o Deus que lhe concedia aquella misericordia, estendeu os braços para a frente, levantando os olhos para o firmamento. Foi um extasi!

Então, julgou vêr a sombra dos seus braços voltar-sa para elle; julgou sentir que estes braços de sombra o envolviam, o enlaçavam, — e que era apertado ternamente contra um peito. Um vulto alto, estava efectivamente ao pé do seu. Cheio de confiança, abaiou o seu olhar para este vulto — e ficou palpita, desvairado, com os olhos embracados, tremulo, com as faces inchadas e suffocado de terror.

Horror! Estava nos braços do grande Inquisidor, que olhava para elle com os olhos cheios de grossas lagrimas, e com um ar de bom pastor que encontra a sua ovelha desgarrada!

O sombrio padre apertava contra o coração o desgraçado judeu, com um impulso de fervorosa caridade. E, enquanto Aser Abaranel, revolvendo os olhos nas orbitas, se torticava de angústia entre os braços do ascético Don Arbuez, e comprehendia confusamente que todas as *phases da fatal noite* não eram mais do que um *suplício previsto, o da Esperança*, o grande Inquisidor, com uma entoação de pungente censura e com um olhar desconsolado, murmurava-lhe ao ouvido, com um halito ardente e alterado pelos jejuns:

«Ora essa, meu filho! Na véspera, talvez, de salvação... queria deixar-nos! L'ISLE-ADAM

## CASA BAQUET

GONÇALVES JUNIOR

ALFAYATE

Confecções para senhoras



153 — Rua de Santo Antônio — 157

PORTO

COUPEUR — ANTONIO AMORIM

MAISON NOUVELLE



Modas e Confecções

Com atelier de modista e alfayate

— ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO —

Rua do Armo, 68 a 72 — Quina das escadinhias de Santa Justa

# Novo Hotel do Guarujá

EMPREZA

MANUEL D'HUICQUE

ILHA DE SANTO AMARO

SANTOS (BRASIL)



MAISON NOUVELLE

# ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

**Fundador — Antonio Florencio dos Santos**

DIRECTOR E PROPRIETARIO

**Jayne Mauperrin Santos**

Bacharel formado em Philosophia e Medicina  
pela Universidade de Coimbra;  
Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa  
Medico dos Hospitais Civis

## Distribuição do tempo

Levantam- $\sim$  ás 5  $\frac{3}{4}$ , excepto os da classe infantil. Seguem imediatamente para as salas de banho, onde todos tomam diariamente um banho geral d'aspersão, frio ou morno, conforme lhe está preceituado.

As **salas de banho**, instaladas no centro dos dormitórios, uma em cada andar, tem cada uma 17 banchos d'aspersão, separados uns dos outros, permitindo assim que 34 estudantes possam banhar-se e lavar-se ao mesmo tempo. Terminada a lavagem, regreçam aos dormitórios, onde completam a sua *toilette*.

A's 6  $\frac{1}{4}$  dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a sua oração da manhã e descem em seguida para o andar das aulas, onde se distribuem conforme os cursos e respectivos anos,

tendo o seu primeiro estudo das 6  $\frac{1}{2}$  ás 7  $\frac{1}{2}$  horas da manhã.

A's 7  $\frac{1}{2}$  é servido o almoço, que consta d'un prato de garfo, chá e pão com manteiga. Terminado o almoço, ás 8 horas, tem recreio até ás 9 horas.

Das 9 horas ao meio dia, 1.º período de aulas, havendo ás 10 e 11 horas pequenos intervallos, que permitem a mudança dos professores e o descanso dos alunos.

Do meio dia ás 2 horas da tarde interrupção geral de todos os trabalhos literários. Durante este período tem lugar o *lunch* e as aulas de recreio:—gymnastica, dança, jogos do florete e de pau, esgrima, musica teorica e instrumental. Todos os alunos são obrigados á frequencia destas aulas (sem pagamento especial para isso), estando divididos em grupos, que alternam durante este período na frequencia destas aulas e nos recreios e jogos (Lawn-tennis, Malha e Croquet).

Lisboa e secretaria da Escola Academica, aos 11 de abril de 1901.

DIRECTOR E PROPRIETARIO

INSPECTOR DOS ESTUDOS

**Antonio Dias de Sousa e Silva**

Bacharel formado em Philosophia, com o curso de Mathematicas puras pela Universidade de Coimbra

Curso Theologico no Seminario de Vizeu  
e Professor de Mathematica da Escola Academica desde 1874

## dos alumnos internos

Das 2 ás 4 horas, 2.º período de aulas, havendo ás 3 horas o intervallo neccesário para as mudanças dos professores e descanso dos alunos.

A's 4 horas, jantar, que consta de sopa, dois pratos, vinho e sobremesa, conforme a tabela das refeições que corre impressa.

Das 5 ás 7, recreio geral nos terraços, jogos ou salas de recreação, estando ali os alunos divididos em 5 secões, conforme as suas idades.

A's 7 horas, estudo geral nas suas respectivas aulas, que dura até ás 9 horas da noite, excepto a instrução primária, cujo trabalho termina ás 8  $\frac{1}{2}$  da noite.

A's quartas e sábados, das 8  $\frac{1}{2}$  ás 9, uma das 5 secções, em que os alumnos internos estão divididos, tem uma catechese do capelão da Escola para o seu ensino moral e religioso e explicação da doutrina christ.

A's 9 horas, ceia, que consta de leite e pão.

Em seguida dirigem-se as diferentes secções á Capella, rezam a oração da noite e recolhem aos dormitórios.

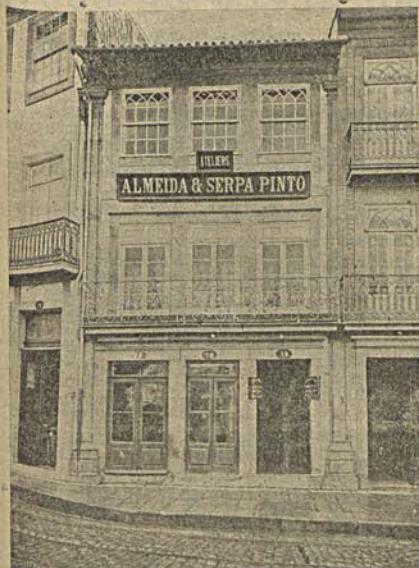
Nos domingos e dias santificados levantam-se ás 6  $\frac{1}{2}$ . Depois do almoço, assistem á missa na Capella da Escola e á explicação do Evangelho do dia, feita pelo capelão.

A's 11 horas ouvem uma pequena preleção sobre assuntos de hygiene, feita pelo Director.

\* Durante este período tem lugar os ensaios da fanfarra e da tuna, dirigidos pelos respectivos professores, e as salas especiais de musica.

O DIRECTOR — MAUPERRIN SANTOS.

## Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,  
Londres e Berlim

**ALMEIDA & SERPA PINTO**

Succ. de Almeida & C. a

**PORTO - PORTUGAL**

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista francesa

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 a 38 A

*Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho*

FORNecedores DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua do S. Julião, 120, 152, 164 e 156 — LISBOA

Prometem-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e recomendação para exportação. Atelier mecânico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as necessidades a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

# VELHO ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS VELHO E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Crédito Predial Português

LISBOA — L. de Santo António de São, 19

Emprestimos hypothecários: em obrigações prediais a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2% de 10 a 60 anos. Emprestimos de conta corrente: a juro de 5% e comissão de 1/2 % de 1 a 9 anos. Depósitos: aceitam-se a prazo ou à ordem, vencendo 2 1/2% à ordem e 3 1/2% ao prazo de 3 meses; 3 1/2 a 6 e 4 1/2% ao ano. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agências: nos distritos e nas ilhas. No Porto está instalada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Cimento Portland



MARCA

«TORQUEZ»

Qualidade superior garantida.  
O MAIS ECONOMICO DE TODOS OS CIMENTOS  
UNICOS IMPORTADORES:

Antonio Miguel & Comp.

RUA DIREITA, 46 — S. PAULO (Brazil)



PORTO  
REGISTRADA

MARCA DE COMÉRCIO

## VINHOS VELHOS LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando irem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

PORTO

CHAPELARIA DA MODA  
DE  
JOÃO ALVES DA COSTA  
32, Rua Garrett, 34-(Chiado)  
LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets para homem e creaça, nacionais e estrangeiros, em seda, feltro e palha. chapéus CLAQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinais de MONDARIZ



CÉSAR A. PAIVA  
CIRURGIA DENTISTA  
E  
SUAS MAGESTADES E ALTEZAS  
R. do ARSENAL, 100. L.  
LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Médico à sua disposição: J. Mauperrin Santos  
e J. Silvestre d'Almeida

Instalaçõe o hydroterapico completa, para

salas de a 100 m² para homens e mulheres,

comodato de cama e banhos, salões

de exercícios, círculo e massagem. Massagem

e gymnastrica, dicas, dirigidas por C. de sou-

mao. Tratamento de doenças nervosas e do es-

trelo.

Abre das 8 às 12 da manhã e das 3 às 5 da tarde

ESTABILIS. CALVADA DO DUQUE, 20

CALÇADA DA GLÓRIA, 12 Lisboa

# GUILHERME SILVA



Camisas, ceroulas,  
gravatas, collarinhos  
e punhos

Roupas bordadas  
e camisetas  
Enxovais em todos os  
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA

PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL  
PORTO

## FOSFIODOGLICINA

DE

**Lemos & Filhos**

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,  
Superior às emulsões oleosas,  
Superior a todos os depurativos,  
na cura das Escrofúlulas, Rachitismo,  
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rápidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em crianças quer em adultos. É agradável à vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favorável de professores da Escola Médica, directores dos hospitais, asilos e dispensários, notáveis médicos eminentes especialistas.

Ensaiado com êxito seguro em todas as casas de beneficência do Porto.

**MARCA E NOME REGISTRADOS**

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 38300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.<sup>a</sup> classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A venda em todas as boas pharmacias  
e drogarias do paiz

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL  
Capital social 2.400.000.000 réis

Capital social 13.800.000.000 réis  
PREMIOS RECEBIDOS: 5.652.000\$000  
dezenas de prêmios honoráveis, segundo  
de grau ou maior

EQUATOR ATLANTIQUE & UNION MARITIMA  
Companhia que opera contra rutas marítimas  
e ríeas de transporte de qualquer natureza.  
Directores — Lima Marry & Filhos  
LISBOA — Rua da Praça, 59, 2.º

Almanach illustrado

DO

BRASIL PORTUGAL

PARA

1903

Papel de Luxo

200 GRAVURAS

Está à venda em todas as livrarias e lojas do costume.

PRFÇO 250 RÉIS

## ATELIER DE ALFAYATE

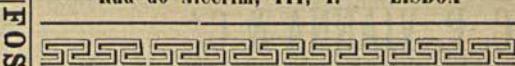


ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, III, 1.º — LISBOA



## Ao Boticão Universal

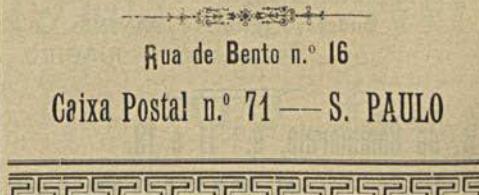


Primeiro Deposito

de Artigos Dentários

Na Capital do Estado de S. Paulo

## Januario Loureiro



Rua de Bento n.º 16

Caixa Postal n.º 71 — S. PAULO

**COMPANHIA  
Mechanica e Importadora  
DE SÃO PAULO**

Endereço teleg.—Mechanica.

Endereço: RUA 15 DE NOVEMBRO N.<sup>o</sup> 36 — Caixa no Correio, 51  
em Londres: Broad Street House-New Broad Street, London, E. C.  
Oficinas: Rua do Triunfo, n.<sup>o</sup> 37 a 43  
Fundição e Depósitos: Rua Monsenhor Andrade — Braz

Importação e fabricação de

Machinas a vapor, motores a Kerozene, turbinas hidráulicas, rodas d'água, materiais para luz eléctrica, serras de varios tipos, machinismos para beneficiar café, despolidores, materiais e machinismos diversos para uso nas fazendas, para serrarias, carpintarias, marcenarias, ferreiros, serradeiros, gaiolas, junileiros, fabricantes de carros e carroças, materiais para estradas de ferro, abastecimentos d'água e esgotos, construção e engenharia.

Carvão de máquina, coke, carvão de forja, ferro guza, ferro batido em barras, chapas e perfis diversos, tubos pretos e galvanizados, cimento, telhas de zinco, arame liso e farpado, tijolos refratários, etc., etc.

**S. PAULO-Brasil.**

**C. P. VIANNA & C.<sup>A</sup>**

Successores da antiga casa de J. P. de Castro & C.<sup>A</sup>

**IMPORTADORES E COMMISSIONARIOS**

Únicos agentes no Estado de S. Paulo, das

**AGUAS MILAGROSAS  
de Lambaré e Cambuqueira**

Agentes da Companhia de Seguros marítimos e terrestres

**LLOYD AMERICANO**

Caixa postal n.<sup>o</sup> 31.

Endereço teleg.:— «VANINA».

Código teleg.:— RIBEIRO.

R. do Commercio, n.<sup>os</sup> 11 e 13.

**S. PAULO (Brasil).**

**LOJA DO JAPAO  
GARCIA, NOGUEIRA & C.<sup>A</sup>**

Agentes do BANCO DO MINHO

Emittem saques sobre todas as localidades de Portugal, Ilhas, Hespanha e Italia, e sobre Paris, Londres e Hamburgo.

Compram cambias sobre estas praças

Importadores e especialistas de

**Chá, cera, sementes,  
fogos d'artificio,  
lanternas, presuntos,  
leite condensado,**

e muitos outros artigos do seu ramo de comércio.

Rua de S. Bento, 42.

**S. PAULO-Brasil.**



**Agencia Financial**

DE

**PORTUGAL**

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFÍCIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da dívida pública portuguesa, fundada e amortisável nos termos da legislação portuguesa, e bem assim a emissão de

**Saque sobre Portugal**

pagáveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitais de distrito e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

**O agente Financeiro**

**ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.**